BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Nº94 8 de Abril de 2003 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Disco

ESTUDANTES CONTRA AS PROPINAS

Com o aproximar do termo do prazo para discussão das propostas de modificação das leis mais importantes do sector, cerca de duas centenas e meia de estudantes de Coimbra manifestaram–se em frente à Assembleia da República contra o provável aumento das propinas. Numa manifestação decretada ilegal pelo Governo Civil de Lisboa, várias associações de estudantes demonstraram que não querem o aumento das propinas e reclamaram uma acção social mais justa. Indissociável deste protesto pouco concorrido é a polémica que a apresentação do "Caderno Reivindicativo", subscrito por quatro associações de estudantes, gerou no seio do movimento estudantil. A CABRA acompanhou o protesto de Lisboa e debruça–se sobre os mais recentes desenvolvimentos no movimento estudantil nacional

PÁGINAS 2 E 3



"Vamos atravessar um período muito difícil"

Em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o reitor da Universidade de Lisboa revela–se apreensivo em relação ao futuro do ensino superior em Portugal. Sobre o ministro da tutela, José Barata Moura considera ser demasiado cedo para se fazerem avaliações. Em entrevista directa, o filósofo e músico de intervenção autor do "Fungagá da Bicharada", que é também reitor de uma das maiores universidades portuguesas

PÁGINAS 6 E 7

Academia

Capital contestada

Continua hoje, nas escadas do TAGV, a iniciativa "Coimbra: uma cidade, duas culturas", fruto do descontentamento das secções culturais da Associação Académica de Coimbra em relação ao facto de não ter havido nenhuma resposta da Coimbra Capital da Cultura 2003 aos projectos apresentados

PÁGINA 8

Nacional

Fórum Social Português

A poucos dias do IV Plenário Nacional de Preparação, que visa aprovar o programa e os conferencistas, o FSP entra na sua recta final

PÁGINA 10

Cultura

"Wordsong Al Berto"

O projecto Wordsong, de homenagem ao poeta Al Berto apresenta–se amanhã no palco do TAGV. A CABRA falou com quem faz música com o melhor da poesia em português

PÁGINA 17

Cultura

João Fernandes em entrevista

Para João Fernandes, da Fundação de Serralves, "Coimbra precisa de se reiventar e renovar". A CABRA mostra a exposição de parte do espólio do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, presente no Centro de Artes Visuais

PÁGINA 19

Cidade

Imigração em Coimbra

O número de imigrantes em Coimbra quadruplicou nos últimos anos. Após a aprovação da nova lei referente à imigração, traça–se o perfil de quem vem de fora para a Lusa Atenas, e ouve–se os dois lados da questão

PÁGINA 9

rádio universidade de coimbra
cento e sete ponto nove efe eme
workshop de rádio
inscrições a partir de 1 de abril na secretaria da R

Estudantes procuram marcar posição



Apesar da polémica relacionada com a não-autorização da manifestação, os estudantes voltaram a protestar nas ruas de Lisboa

A possibilidade de um aumento das propinas motivou os estudantes do ensino superior a manifestarem o seu descontentamento. Diversas associações de todo o país reuniram–se em Lisboa em protesto contra o ministério da tutela

TIAGO AZEVEDO
CLÁUDIA RODRIGUES
GUSTAVO SAMPAIO

Os estudantes do ensino superior manifestaram–se na passada quarta–feira, em Lisboa, contra as alterações legislativas previstas para o ensino superior que incluem um possível aumento do valor das propinas. A concentração junto à Assembleia da República (AR) reuniu cerca de 750 manifestantes vindos de diversas zonas do país, em protesto contra a actual política educativa do governo.

A Associação Académica de Coimbra (AAC) mobilizou para a manifestação cerca de 250 estudantes que se juntaram por volta das 10 horas da manhã na Praça D.Dinis. Após alguns atrasos, seguiram para a estação de Coimbra B de onde partiu às 12h30 um comboio reservado pela Direcção–Geral da AAC (DG/AAC) rumo à Estação de Santa Apolónia, em Lisboa. À chegada, por volta das 15 horas da tarde, os estudantes depararam–se com um forte aparato policial que escoltou a manifestação pelas ruas da capital até ao Largo de S.Bento, em frente à AR. Isto apesar dos receios iniciais dos estudantes, fomentados no dia anterior pela declaração de Teresa Caeiro, governadora civil de Lisboa, que alertava para a ilegalidade do horário da manifestação. Caeiro invocou a lei 406/74 de 1974 que restringe os desfiles a um horário específico (nos dias úteis apenas a partir das 19h30 até às 00h30).

No início da manifestação, em frente à estação ferroviária, os estudantes ergueram diversas faixas com mensagens de protesto como "Não somos despesa, somos investimento", "Liberdade de manifestação", "Decretamos estado de crise académica" ou "Basta! Estamos tesos". Ao longo do percurso, sob o olhar ora concordante ora discordante dos transeuntes, entoaram diversos cânticos de protesto com palavras de ordem como "Acção social não existe em Portugal", "Nós só queremos melhor educação" ou "Bolsas sim, propinas não". No Marquês de Pombal, a manifestação engrossou com a junção de estudantes vindos de outros pontos do país - do Minho, do Porto, de Aveiro, da Covilhã, das Caldas da Rainha, de Évora e da própria cidade de Lisboa - retomando depois o seu percurso rumo ao Largo de São Bento.

Em frente à AR, os estudantes prenderam as faixas nas grades de protecção e uniram as vozes de protesto. Vários elementos das bancadas parlamentares deslocaram-se até ao local. Odete Santos e Bruno Dias, deputados do PCP, Jamila Madeira do PS, Isabel Castro e Luísa Apolónia do Partido Ecologista "Os Verdes" e Joana Amaral Dias do Bloco de Esquerda demonstraram assim o apoio dos seus partidos à causa dos manifestantes. No entanto, as conversas informais mantidas entre dirigentes estudantis e deputados acabaram por ter como foco não a anunciada reforma legislativa do ensino superior, mas sim a proibição da manifestação, uma medida repudiada por todos. Por volta das 18h30, cumprido o objectivo, os estudantes começaram a dispersar, terminando assim a jornada de contestação.

Manifestação simultânea

No final, a maioria dos dirigentes associativos considerou que a mobilização tinha ficado aquém do esperado. Miguel Teixeira, presidente da Associação Académica de Lisboa, afirmou ter verificado horas antes da manifestação que "aquela que se previa como uma grande manifestação ao nível do ensino superior, pelo menos na área de Lisboa, transformou–se numa manifestação simbólica relativamente às pessoas que se esperavam". No entanto, Ana Cruz, presidente da Associação Académica da Universidade da Beira Interior, preferiu realçar o facto de os protestos terem como objectivo impedir "que as medidas que o governo tem em vista para o ensino superior sejam levadas a cabo". Já Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC, fez um "balanço francamente positivo" desta acção contestatária, "apesar de algum receio inicial".

Paralelamente a esta manifestação, alguns dirigentes associativos optaram por realizar outro tipo de protesto, procurando conscencializar a população em geral. Segundo estes representantes estudantis, a distribuição de cravos brancos e de panfletos informativos, constituía uma campanha de divulgação dos problemas do ensino superior à sociedade, no sentido de mobilizar e de cativar a opinião pública. De acordo com Filipe Janela, presidente da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico (IST), este formato seria uma maneira de levar a opinião pública a estar "connosco enquanto dirigentes associativos e enquanto estudantes". Na sua opinião, o outro tipo de manifestação "além de estar extremamente usado, está vazio". Na opinião de Hermínio Brioso, presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Particular e Cooperativo, se com este molde se conseguir transmitir "a mensagem que quisemos passar a uma em cada dez pessoas com quem falámos, conseguimos ver atingidos os nossos objectivos porque isso vai–se reflectir depois nos agregados familiares".

"A volta das propinas"

Entre 26 e 28 do mês passado, cerca de 30 ciclistas partiram de Coimbra, rumo à Assembleia da República (ver páginas centrais). Organizada pela Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), esta acção simbólica tinha por objectivo marcar uma posição junto da opinião pública. Segundo explica Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC, é importante "combater o aumento das propinas, sem querer descredibilizar a luta". "Neste momento, as propinas não são tabu", declara.

O pelotão saiu de Coimbra pelas 9h45 de quarta–feira, dia 26, e chegou à capital na sexta–feira ao fim da tarde. Ao longo destes três dias, realizaram–se paragens nas cidades de Leiria e Rio Maior, conforme o estabelecido no programa da "Volta". Apesar de muitos considerarem este objectivo impossível, ao longo dos 200 quilómetros tudo decorreu dentro da normalidade.

De recordar que esta iniciativa emanou de uma decisão da Assembleia Magna, cuja proposta foi apresentada pela própria DG/AAC.

Divisão de opiniões no interior do associativismo estudantil ficou patente durante manifestação

Documento gera controvérsia

Numa altura em que se pretende reunir esforços para defender a posição dos estudantes do ensino superior, alguns dirigentes associativos apresentaram um documento que gerou polémica no seio do movimento estudantil

Depois de tanto se discutir o nome da aliança criada entre quatro academias, que se denominava Movimento Associativo Nacional (MAN), os proponentes acabaram por alterar a designação que lançava alguma confusão no seio do movimento estudantil, uma vez que o documento era apenas subscrito por algumas associações.

De acordo com Nuno Mendes, presidente da FAP, a necessidade de alteração de nome do projecto deveu-se ao facto de se demonstrar que a federação que preside não "faz parte de nenhuma estrutura informal de discussão", realçando, no entanto, que, tal como os restantes proponentes do documento, continua a acreditar "no conteúdo programático" defendido.

No dia 17 de Março as associações proponentes apresentaram um "Caderno Reivindicativo" que analisa o estado actual do ensino superior e propõe medidas para o seu melhoramento.

No âmbito de mais um Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), de carácter extraordinário, a proposta apresentada pela Federação Académica do Porto (FAP), Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Particular e Cooperativo, Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico e Associação Académica da Universidade do Algarve, foi debatida pelos participantes mas acabou por ser retirada pelos próprios proponentes, que abandonaram a reunião.



"Caderno Reivindicativo" procura soluções para o movimento estudantil

O "Caderno Reivindicativo"

O documento apresentado começa por referir as razões que levaram à formação do movimento, evocando a "necessidade de criar uma plataforma de entendimento e abertura, para a participação de todas as estruturas associativas". O que os proponentes designam de "Ultimato ao Ensino Superior" inclui "reflexões, propostas e reivindicações" em relação a áreas como a gestão e autonomia das instituições, a acção social escolar, o financiamento do ensino, entre outros.

Defendendo a autonomia como um "bem precioso que não pertence apenas às instituições", o movimento apresenta diversas propostas no sentido de uma gestão que deve ser fiscalizada, através de auditorias periódicas realizadas por terceiros ou da responsabilização disciplinar, cível e criminal dos dirigentes das instituições pela sua má gestão. A criação de prémios, o reforço do suplemento remuneratório para dirigentes e a valorização do desempenho de cargos de gestão na progressão da carreira são alguns exemplos de medidas que se pretende aplicar no domínio da gestão e autonomia das instituições de ensino.

Ao nível da acção social escolar, o documento indica que a legislação existente prevê que a atribuição de benefícios sociais seja "gradualmente estendida aos estudantes do ensino superior privado". O "Caderno Reivindicativo" lamenta a lentidão deste processo e propõe a estipulação de um regulamento único para todos os estudantes, tanto do ensino público como do privado ou cooperativo. Neste sentido, propõe também a reformulação do "funcionamento" e do "sistema de financiamento" dos Serviços de Acção Social, visando "tornar este mecanismo social mais eficaz e eficiente".

Em relação ao sistema de financiamento, o documento apresentado considera a legislação actual insuficiente para "colmatar as falhas que subsistem no ensino superior". O movimento defende que o orçamento transferido para as instituições não deve ser complementado pelas receitas provenientes das propinas que devem ser utilizadas para o "acréscimo de qualidade do sistema", tal como está previsto na lei. Os proponentes consideram gravoso para os estudantes o facto de o funcionamento das instituições "absorver por completo qualquer aumento efectuado no âmbito do Orçamento de Estado" não sendo empreendido um reforço "dedicado ao investimento na qualidade do ensino".

Posições diferentes

O procedimento dos proponentes, ao retirar o documento da discussão e abandonando de seguida o evento, suscitou um sentimento de discórdia por parte das restantes associações de estudantes que no final apresentaram uma "Moção de Descontentamento". A demonstração pública de "repúdio" por parte dos dirigentes associativos fundamentou-se no facto de os proponentes terem agendado um ENDA extraordinário, onde se apresentou e se discutiu o documento durante várias horas e, após terminada a discussão, terem retirado a proposta e abandonado o ENDA. Quanto a esta acusação, Nuno Mendes, presidente da Federação Académica do Porto, defende-se afirmando que não saía "em ruptura" mas que tinha sido pressionado pelos "responsáveis das associações do Porto, enquanto coordenador, a regressar" dado que alguns "colegas tinham encargos e compromissos" a cumprir.

Opiniões das academias

Reacções dos dirigentes de algumas associações que constituem o movimento estudantil nacional à apresentação do "Caderno Reivindicativo"

Victor Hugo Salgado - Associação Académica de Coimbra

"Falta um ponto fulcral [no documento] que é a questão da internacionalização do ensino".

Nuno Mendes - Federação Académica do Porto

"O movimento não depende do nome para fazer veicular as suas ideias".

Miguel Teixeira - Associação Académica de Lisboa

"Revela uma ruptura inaceitável com centenas de estruturas estudantis, uma vez que primeiro se proclamaram posições políticas junto da comunicação social e da tutela".

Filipe Janela - Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico

"Não há entendimento dentro daquele ENDA, não há fruto, não há trabalho que saia daquele ENDA. Temo-nos apercebido disso e não fizemos isto com qualquer objectivo de separatismo (...) Fizemos porque juntámo-nos por mero acaso, podíamos ter sido nós ou outros, e decidimos escrever qualquer coisa, mas escrevemos em nosso nome".

Jorge Cristino - Associação Académica da Universidade do Minho

"A associação Académica do Minho, fazendo parte daquilo que é o entendimento de várias associações, não acha correcto que venham três associações, neste momento quatro, para a comunicação social a pensar que têm legitimidade para falar por todos os estudantes".

Hermínio Brioso - Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Particular e Cooperativo

"Afirmei sempre que o documento estava aberto a discussão e alteração. O 'Caderno Reivindicativo' era uma base de discussão".

José Ricardo - Associação Académica da Universidade de Aveiro

"Entendemos que o ENDA é o espaço de discussão e onde se desenham estratégias conjuntas, o que não impede que fora desse espaço não exista discussão entre as academias".

André Dias - Associação Académica da Universidade do Algarve

"Eu não quero criar grande clima em volta desta questão. Penso só que as pessoas estão um pouco desencontradas na forma como se manifestam".

Francisco Costa - Associação Académica da Universidade de Évora

"O MAN, é uma estrutura, se é que se pode chamar assim, auto-intitulada. Não gostamos sobretudo do facto de se ter querido passar a ideia de que o movimento [associativo] estava partido".

OPINIÃO

EDITORIAL Emanuel Graça

Manifesto contra manifestações

m conformidade com deliberação de Assembleia Magna, mais uma vez a Associação Académica de Coimbra (AAC) decidiu levar os seus protestos junto dos decisores políticos sediados em Lisboa. No entanto, como já se torna (tristemente) rotineiro, a academia não foi una nas suas acções e apenas um grupo de pequenos infelizes rumou para a capital.

Entre as principais ausências estavam os chamados "representantes dos estudantes" nas faculdades, os membros das politiquices intra–universidade que poucos dias antes se havia alegremente degladiado por mais um "tacho" no Senado. Entre efectivos, candidatos a senadores, inerências e suplentes, muito díficil foi, no entanto, encontrar a maioria das faces dessa denominada "elite política" da classe estudantil que tão avidamente se havia exposto anteriormente em cartazes no seio das suas faculdades, a protestarem contra o Governo de Durão Barroso.

Da parte dos núcleos, a mesma realidade. Exceptuando uma pequena representação, pouquíssimos eram os presidentes e membros de núcleos que se dignaram a ir a Lisboa dar voz ao protesto daqueles que os elegeram. Afinal, a verdade é que para muitos destes senhores, a casa–mãe parece ser, na maioria das vezes, uma força intromissora nos seus tristes e infelizes feudos de faculdade e não um parceiro privilegiado.

> "Pouquíssimos eram os presidentes de núcleos que se dignaram a ir a Lisboa"

Entre outros "politiqueiros" de pequena, média e grande estatura, a nega em ir a Lisboa foi uma constante. Se o discurso e a retórica procuravam justificar o injustificável, o certo é que, entre muitos, o medo de poderem ser identificados pela família ou, mais grave, pela polícia, participando num "desfile" que tinha sido considerado ilegal pela Governadora Civil de Lisboa poderia ser algo "chato" para o seu futuro. Principalmente quando a sua veia oratória e a sua capacidade de diplomacia lhe auguram já um confortável escritório no interior da máquina do Estado.

Entretanto, na manifestação, a Direcção–Geral da AAC (DG/AAC) procurava dar o seu melhor. Apesar das críticas a que foram constantemente sujeitos vindas, na maioria das vezes, dos "politiqueiros de quintal" que preferiram ficar na cama a ir a Lisboa, a equipa liderada por Victor Hugo Salgado não faltou. Se é verdade que muitos erros se lhes podem apontar (inclusivé ao nível de estratégia no que toca a sensibilizar os estudantes para a ida à capital), o certo é que, poucos dias após terem protagonizado "A Volta das Propinas", marcaram novamente presença em Lisboa. Com falhas, poderão dizer alguns, mas com a mais valia de não terem voltado costas ao protesto dos que representam. Facto de que muito poucos outros dirigentes estudantis da academia de Coimbra se podem orgulhar e que, de certeza, não terá sido por falta de conhecimento de causa.

Guerra no Iraque: o "Bem" em

Enquanto estas linhas são escritas, estão a morrer centenas, talvez milhares de pessoas no Iraque. Habitações, oficinas, pontes e monumentos, escolas, hospitais e maternidades estão a ser destruídos. Património histórico da humanidade, os baixo–relevos da Mesopotâmia, desfazem–se em pó sob o impacto das bombas.

A primeira guerra do século XXI desenrola–se sob os nossos olhos, trazida pela televisão e jornais. A maior potência militar do mundo atacou o Iraque.

Segundo o que nos é dito pela potência atacante, esta destruição, sofrimento e morte de homens, mulheres e crianças, deve–se ao facto do Iraque não cumprir as resoluções da ONU e ser um perigo para os EUA e o mundo, possuir armas de destruição maciça, ser um aliado (apoiar) da Al–Qaeda, Saddam Hussein ser um sanguinário ditador, ser preciso dar liberdade, democracia e bem–estar aos iraquianos. Estas acusações não foram consideradas suficientes/credíveis nem pela ONU, nem pelos povos.

Com que autoridade é, então, promovida esta guerra?

Autoridade legal não, pois contraria a Carta das Nações Unidas e o Direito Internacional só poderá ser redefinido pela única instância que representa democraticamente a comunidade internacional: a Assembleia das Nações Unidas. Terão os EUA autoridade moral ? Terão estatuto (estatura) para serem acusadores, juízes e carrascos ?

Vejamos.

George Walker Bush tomou posse como presidente, com pequena participação dos cidadãos e com menos votos do que o seu concorrente. Nos últimos 50 anos, os Estados Unidos da América já se envolveram, ou promoveram, conflitos em todas as partes do mundo: Cuba, Chile, Guatemala, Granada, Colômbia, Nicarágua, Angola, Vietname, Coreia, Afeganistão, Balcãs, Irão, Iraque,... enfim! Têm bases militares espalhadas por todo o mundo...

Foram os únicos a utilizar a bomba atómica no Japão, utilizaram o agente laranja no Vietname, o urânio empobrecido nos Balcãs e no Golfo, pesticidas na Colômbia... Têm o maior arsenal do mundo em armas químicas e bacteriológicas, além de serem o país que mais gasta na pesquisa e indústria da morte. Foram amigos de gente como Pinochet, o Xá da Pérsia, Suharto, Salazar... Trazem no coração Musharraf do Paquistão, o príncipe do Koweit, o exemplar Ariel Sharon. Bateram o recorde ao utilizarem o veto, no Conselho de Segurança, a fim de protegerem Israel pelo não cumprimento de inúmeras resoluções.

> **"Enquanto estas linhas são escritas, estão a morrer centenas, talvez milhares de pessoas no Iraque"**

Os próprios EUA ignoraram as sanções que lhe foram aplicadas aquando da agressão à Nicarágua. Há que lembrar que os EUA votaram, em 1987, contra uma resolução da Assembleia Geral da ONU que condenava o terrorismo, e que Zbigniev Brzezinski (secretário de Estado do presidente Jimmy Carter) se gabava de ter auxiliado Bin Landen. E Quioto? E o Tratado Antimísseis Balísticos ? Além de não haver legitimidade legal para este ataque, também não parece haver autoridade moral.

Mas terão as acusações valor objectivo?

"Iraque foi dos mais cumpridores das resoluções das Nações Unidas"

Comparados com outros Estados, o Iraque foi dos mais cumpridores das resoluções das Nações Unidas, até porque não tinha alternativa, como se viu no respeitante à 1441. Definitivamente o Iraque não podia ser perigo para ninguém e muito menos para os EUA. Ou então a arrogância de George W. Bush e seus generais ao anunciar tão previamente esta guerra seria loucura a raiar o suicídio. Mas todo o mundo sabia que o Iraque, extremamente enfraquecido por 12 anos de bloqueio e continuamente vigiado e bombardeado por ingleses e americanos nas chamadas zonas de interdição aérea não tinha capacidade nem interesse em se meter em aventuras guerreiras.

Desde 1992 que o Iraque é inspeccionado, no terreno, por especialistas em armamento de destruição maciça. Inspecção interrompida entre 1998 e 2002 por razões apresentadas pelo Iraque e que se vieram a provar verdadeiras. Elementos de origem americana, que integravam o grupo de inspecção vieram a público declarar que quando se retiraram em 1998 não tinham encontrado as referidas armas e que as acusações de espionagem eram verdadeiras.

De resto, é de mencionar as declarações de Hans Blix, chefe da missão de inspecção nomeada pela ONU, de que não tinha encontrado indícios nem de fabrico nem da existência daquele tipo de armamento em condições operacionais. Acrescente–se que as provas apresentadas por Colin Powell no Conselho de Segurança foram consideradas não credíveis e risíveis pelos políticos que as analisaram e pelo referido Blix. Poderemos concluir que a função da resolução 1441 foi garantir que o país estava em condições de ser invadido sem perigo para o atacante.

Nunca se conseguiu provar qualquer ligação do Governo de Hussein a Bin Laden. Assim como ainda não se provou



D.R.

luta contra o "Mal" ?

Vítor Silva *

que foi a organização (efectivamente terrorista) de Bin Laden que cometeu o horrível crime nas Torres Gémeas; é bom lembrar isto.

Saddam Hussein

Saddam Hussein é realmente um ditador. E, muito grave, é responsável pela morte de centenas de milhar de patriotas iraquianos e cidadãos de etnia curda. Devia ser julgado e condenado por esse crime, de preferência por um tribunal iraquiano e, na sua falta, por um tribunal claramente aceite pela comunidade internacional. Assim como todos os responsáveis por crimes idênticos, presentes ou passados, de todos os países, com penas proporcionais aos crimes cometidos. Outro posicionamento em relação a esta questão não será defender a justiça; não pode haver dois pesos e duas medidas conforme as conveniências. A liberdade, a democracia e o bem–estar têm de ser definidos e conquistados por cada povo. Os democratas, os amantes da paz e da liberdade, de todo o mundo, devem ajudar os povos a conquistar aqueles padrões. Mas não podem impor os seus padrões e conceitos. O caso de Timor foi disso exemplo.

Em todo o caso não há liberdade, nem democracia nem bem–estar para os mortos. E não se é feliz sob bombas.

O que é que resta? A política das sucessivas administrações americanas tem sempre sido hegemónica, embora adaptada aos tempos e circunstâncias. É uma necessidade do seu sistema político–económico. Este ataque ao Iraque e a sua conquista (embora camuflado é disso que se trata) vem na sequência de uma velha política de hegemonia de poder e controlo económico do mundo. Ambições a que a queda do bloco socialista abriu as portas e a que os problemas económicos do sistema, de que os EUA são modelo e exemplo, agudizaram.

Logo após a sua tomada de posse como Presidente, George W. Bush estabeleceu duas prioridades:

1. Modernização e desenvolvimento das capacidades militares dos EUA,

2. Aquisição de reservas petrolíferas no estrangeiro.

Mas estes objectivos já tinham sido mencionados por anteriores administrações. John Bolton (conselheiro de Colin Powell) afirmou que "... o direito internacional não existe (...)", e já em 1992 um relatório do Pentágono indicava... "impedir qualquer potência hostil de dominar regiões cujos recursos lhes permitisse aceder ao estatuto de grande potência..."

Então o que há de novo?

Há o atropelo descarado do Direito Internacional, embora algumas ténues, mas pouco claras, tentativas de arranjar a cobertura do Conselho de Segurança para a já há muito decidida invasão do Iraque. Há a extrema arrogância da Administração Norte Americana.

"É nova a resistência dos povos, por todo o mundo, contra esta política dos EUA"

"A resistência dos povos"

Também é nova a resistência dos povos, por todo o mundo, contra esta política dos EUA. As enormes e consecutivas manifestações que se verificam por todo o globo, unindo gente de pensamento muito diverso, contra esta guerra é um fenómeno também novo. Este levantar da opinião pública indicia uma crescente consciência do perigo que constitui para todos os povos e nações esta escalada de violência e arbitrariedade.

Efectivamente, hoje é o Iraque, amanhã... a Síria?... ou a Coreia?, ou o Irão?... E depois? E que seria do mundo se uma só potência o dominasse económica e militarmente?

Mas o clima de desregularização, de arbitrariedade e violência, que se vive a nível internacional repercute–se no seio das nações, favorecendo as oligarquias e as ditaduras. À pala da necessidade de segurança, tanto interna como externa, com a desculpa das dificuldades económicas provocadas pelo clima de guerra, cortam–se direitos e regalias. E a quem?

Aos trabalhadores, aos desempregados, aos pequenos e médios empresários, aos reformados! É necessário mais dinheiro para a defesa e segurança, dizem–nos. É preciso vigiar os "terroristas" e daí toca a cortar liberdades e justificar maior vigilância sobre as pessoas.

A liberdade, a democracia e o bem–estar só são possíveis entre pares. Não entre mortos e vivos, vencidos e vencedores, pobres e ricos.

Por isso, é preciso resistir, lutar. É necessário gritar bem alto e juntos que o Governo português não foi mandatado para envolver Portugal numa guerra de agressão, mas sim para conduzir o país numa política de paz, desenvolvimento e dignidade nacional.

É necessário juntarmos a nossa voz à dos povos que não aceitam que a oligarquia norte–americana aumente o seu poder e riqueza à custa da vida, da liberdade, independência e bem–estar do resto da humanidade, incluindo do seu próprio país.

É preciso ter o discernimento de saber que esta guerra não é entre o "bem" e o "mal", como nos querem fazer crer. Mas sim uma guerra por interesses de hegemonia política e económica.

É preciso defendermos a paz, pois só com paz poderá haver liberdade, democracia e bem–estar para os povos!

* Membro do Conselho para a Paz e Cooperação

A CABRA errou

Na edição nº 93 do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o texto da página 21 intitulado "Discos inundam Praça da República" contem algumas incorrecções. Assim, cumpre–nos esclarecer que a "Mega Feira do Disco" realizada nos passados dias 28, 29 e 30 de Março foi organizada por João Almeida e Custódio Simões e contou com o apoio incondicional da Fonoteca Municipal de Coimbra, mas não foi organizada por esta mesma instituição, como vem mencionado no referido no artigo. Acrescente–se ainda, que o evento realizado no Dia Mundial da Música no ano transacto na Casa Municipal da Cultura, nada tem que ver com a "Mega Feira do Disco" promovida este ano na Praça da República. Pelas inexactidões cometidas, as nossas desculpas.

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Paginação:** Emanuel Graça **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Carina Valério, Cecília Santos, Claúdia Rodrigues, Cristina Bastos, Daniela Pereira, Diana Ramos, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, Joana Moreira, João Pedro Marques,,José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Lurdes Lagarto, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Nuno Felício, Patrícia Batista, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Caniço, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sara Cardoso, Sara Martins, Sérgio Alves, Sílvia Matos, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Sónia Nunes, Soraia Letra, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Alberto Fernandes, Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, Andreia Ferreira, Carla Pinto, Claúdia Ferreira, Daniela Rodrigues, Diana Mota, Edgar Caetano, Fátima Pinto, Francisco Simões, Joana Ereio, Joana Montenegro, João Baía, Liliana Figueiredo, Luís Miguel Silva, Margarida Matos, Marta Poiares, Patrícia Lourenço, Patrícia Vic, Pedro Silveira, Rogério Ramos, Sandra Dias, Suzana Marto **Fotografia:** Cláudio Vaz, Francisca Moreira, Jonas Batista, J. M. Lourenço, Marilyne Alves, Silvia Senette **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone: 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

A METAMORFOSE
Gustavo Sampaio

Repressão

Enquanto o palco mediático global vem sendo sucessivamente preenchido por novos acontecimentos televisionados sob o formato dissimulador da ficção, desde o "folhetim" nacional de pedofilia ao "filme" internacional de guerra, os órgãos de poder aproveitam a passividade popular para desenvolverem políticas baseadas no interesse próprio e contrárias aos princípios democráticos. Como o projecto de lei sobre o sistema partidário nacional proposto pelo PSD na Assembleia da República, com a aparente conivência de interesses do PS e do PP.

A nova legislação estipula um modelo único de organização partidária, tornando obrigatório o voto secreto nos processos de eleição de dirigentes e de adopção de posições. Esta imposição constitui um grave atentado à liberdade de associação partidária e uma clara ingerência na orgânica interna dos partidos, tendo sido elaborada à medida exacta do PCP que tem no centralismo democrático um dos pilares da sua doutrina. O projecto prevê também o aumento do número de assinaturas obrigatórias para a inscrição de um partido político e a extinção de partidos que não concorram duas vezes consecutivas a eleições gerais, que não obtenham um valor mínimo de votos ou que não se candidatem a mais de metade dos mandatos de deputados. Ou seja, adopta uma política hostil à constituição de novos

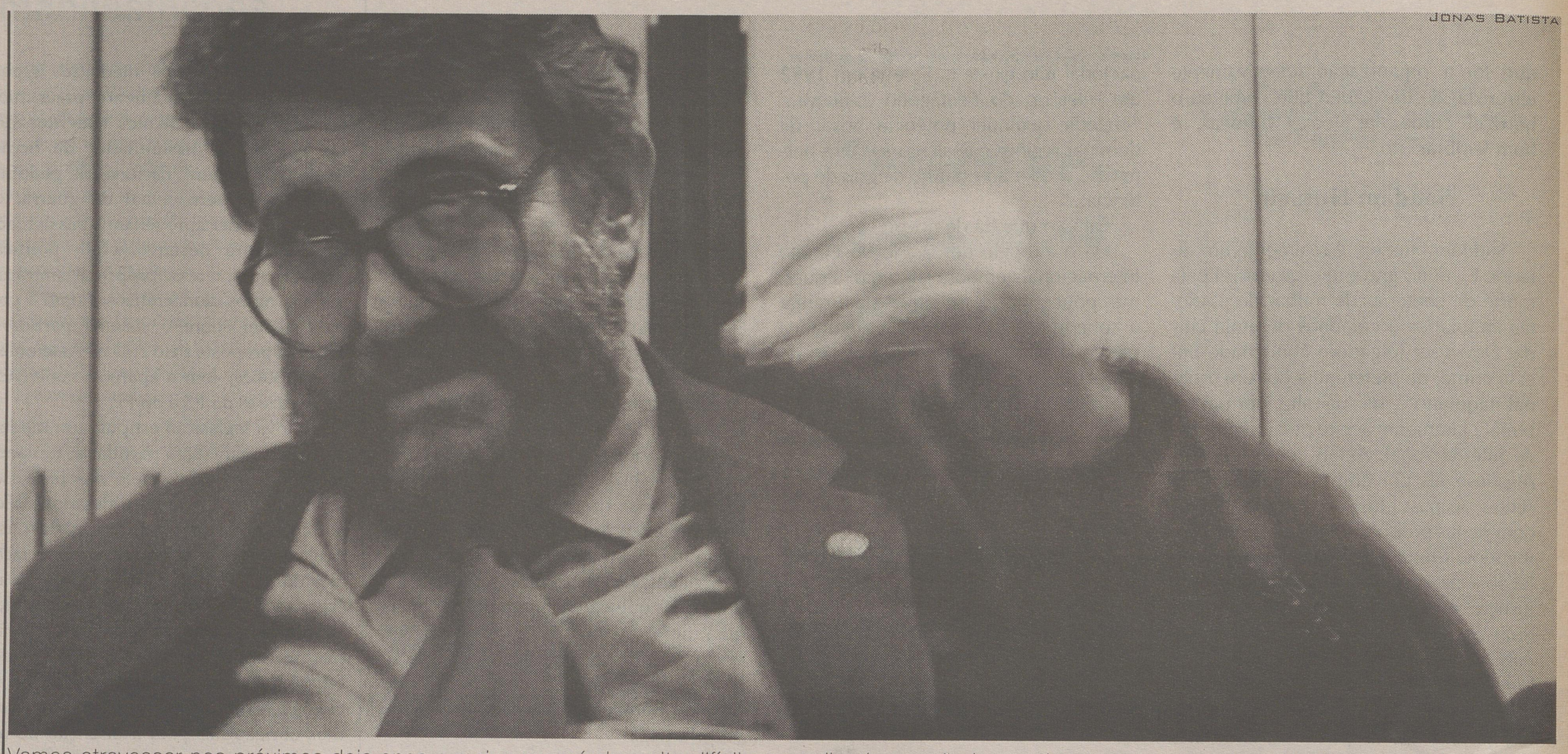
"Políticas baseadas no interesse próprio e contrárias aos princípios democráticos"

movimentos políticos e ameaça seriamente a viabilidade dos partidos sem representação parlamentar, pondo em causa o pluralismo político-ideológico da sociedade portuguesa. A maioria de direita aproveita este momento singular, em que os lares dos portugueses são diariamente invadidos por imagens inebriantes do espectáculo montado da guerra, ou a guerra virtual para a opinião pública ver pois a verdadeira guerra não é mostrada, para fazer passar sem alarido esta legislação repressiva, com a lamentável parceria dos socialistas.

Noutro contexto, na vizinha Espanha, o Tribunal Constitucional espanhol acaba de decretar a ilegalidade do Batasuna, o partido radical nacionalista basco, por alegadas ligações com a rede terrorista ETA. Por conseguinte, esta formação política está impedida de participar em próximas eleições e todas as suas sedes estão a ser confiscadas pelas forças policiais no sentido de as encerrar e de apreender todos os bens. Tudo isto no seguimento da nova lei dos partidos, recentemente aprovada pelo governo popular com o apoio dos socialistas. Que se saiba, não existem provas de que o Batasuna tenha participado em qualquer atentado terrorista organizado pela ETA. E embora não sinta grandes simpatias pelo Batasuna, um movimento político extremista, preocupa-me a política repressiva de que tem sido alvo, pois apenas servirá para fomentar a violência.

"As propinas não devem ser um instrumento

JONAS BATISTA



Vamos atravessar nos próximos dois anos e meio um período muito difícil e complicado, se não houver intervenções governamentais sérias"

Percurso

Nascido em Lisboa em 1948, José Adriano Rodrigues Barata Moura realizou todos os seus estudos nesta cidade. Em 1970 termina a licenciatura em Filosofia na Universidade de Lisboa (UL) e, dez anos mais tarde, completa o doutoramento na mesma área.

No ano seguinte é eleito presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da UL e, entre 1990 e 1993, exerce o cargo de pró–reitor nesta instituição. Finalmente, em Maio de 1998, é eleito reitor da Universidade de Lisboa, sucedendo a doze anos de reitorado por parte de Meira Soares. Actualmente, Barata Moura cumpre o seu segundo mandato como homem forte da UL, cargo para o qual foi reeleito em Abril do ano passado, com 63 por cento dos votos contra os restantes 37 por cento de Pinto Paixão, presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências da UL.

Fora deste âmbito, o autor de "Estudos de Filosofia Portuguesa" é também conhecido do grande público pela contestação ao Estado Novo. Se enquanto estudante participou na crise académica de 1969, foi através do papel de músico que Barata Moura atingiu a notoriedade. Assim, participou em espectáculos ao lado de nomes como José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire e José Jorge Letria que ajudaram na consciencialização e mobilização contra o regime então vigente. Enveredando pela música infantil, entre os seus principais sucessos contam–se "Olha a bola Manel" e o "Fungagá da Bicharada".

Barata Moura já foi deputado ao Parlamento Europeu (1993-1994) e é actualmente presidente da Internationale Gesellschaft for Dialektische Philosophie. É ainda representante do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) no Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior.

O reitor da Universidade de Lisboa, Barata Moura, considera que o ensino superior não é uma prioridade do actual Governo. Numa altura de discussão de ideias sobre o sector, o catedrático de Filosofia demonstra–se contra o actual sistema de financiamento

MANUEL EDUARDO
EMANUEL GRAÇA

A menos de um mês da apresentação das propostas do Ministério da Ciência e do Ensino Superior no que toca à reforma legislativa do ensino superior, o debate continua. Em entrevista, o reitor da Universidade de Lisboa (UL) demonstra grande apreensão em relação àquilo que denomina de "recrudescimento da ofensiva contra a universidade pública" e defende a continuidade dos estudantes nos órgãos de gestão. Na opinião de José Barata Moura, os próximos dois anos podem ser cruciais para a universidade em Portugal.

As novas propostas para o ensino superior começam a surgir e, a pouco e pouco, começam também a ser bastante contestadas. Neste momento, que comentários tece ao debate em torno desta temática?

Vejo com muita apreensão algum recrudescimento da ofensiva contra a universidade pública. Vejo com muita apreensão a ofensiva contra aquilo a que poderíamos chamar a eleição como mecanismo de legitimação para as chefias ou direcção dos diferentes corpos sociais que integram uma organização como uma universidade. Vejo com muita apreensão também alguns pronunciamentos que visam, de alguma forma, desmantelar o que me parece ser um princípio correcto que é a participação de todos os membros da comunidade universitária naquilo que são as decisões capitais das suas escolas.

Será que a actual conjuntura económica nacional não pode levar a que estas revisões das leis ligadas ao ensino superior sejam niveladas por baixo, nomeadamente no que toca ao financiamento e qualidade?

É difícil para um reitor estar a pronunciar–se sobre estas matérias, mas para o cidadão não o será. É evidente que a condicionante financeira está dependente daquilo a que podemos chamar de uma política orçamental geral do Governo. O que eu, como cidadão, penso é que nas sociedades contemporâneas temos de perceber que o cultivo dos saberes e das ciências que encontramos nas universidades constituem um pilar da própria soberania nacional. Os investimentos necessários nessa matéria são de tal maneira volumosos que penso que é totalmente idealista supor que é ao sector privado que eles podem ser pedidos. Isto traz dificuldades acrescidas, reconheço, para qualquer ministro das Finanças ou para qualquer primeiro–ministro. Mas é neste quadro que se jogam, com uma perspectiva de Estado, aquilo a que podemos chamar as prioridades nacionais. Esta era a questão fundamental a discutir na política nacional.

"Optar por um financiamento privado daquilo que é um bem público (...) não me parece que seja a solução política adequada"

Lynce em análise

Nesse âmbito, que balanço faz do trabalho do actual ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce?

Ainda é cedo para fazer um balanço da sua actividade. O ministro tenta apresentar, com alguma frontalidade, os problemas, posições ou preocupações que tem. Gostaria, sobretudo, que dois temas que ele enunciou como preocupações centrais pudessem ser, de facto, aprofundados e levados à prática e que se encontrassem soluções justas para eles. Um é a questão da qualidade e o outro é a questão da constituição de um sistema nacional de ensino superior público.

Concorda com as propostas para a reforma do ensino superior avançadas pelos estudos feitos no âmbito da reflexão sobre o sector?

Neste momento, vejo com alguma apreensão a possibilidade (não sei se deliberada) de manipulação das vagas para o ensino superior público e os efeitos reais que isso venha a ter. Mas isto porque estamos a falar hoje e a esta hora a realidade aqui é muito movediça porque ainda não estamos a falar de textos que constituam uma proposta. Temos que ver a legislação, os projectos de legislação, analisar a sua coerência, etc. Isto para podermos ter uma posição que seja minimamente fundamentada quando emitirmos um juízo.

Defende a ideia do estudante–elegível ou, em alternativa, das prescrições?

Penso que quer em relação às prescrições quer em relação ao estudante–elegível, o caminho fundamental seria estudar de uma forma científica e real aquilo que são as razões do insucesso. Todos nós - estudantes, professores e funcionários - temos uma ideia de quais são essas razões do insucesso. Agora,

Barata Moura defende maior investimento público no ensino superior

de financiamento"

não conseguimos é perceber qual é o peso relativo das componentes dessas razões e sem isso é muito difícil definirmos uma estratégia correcta para combater o insucesso. Era mais importante investirmos dinheiro e energias para percebermos as razões do insucesso do que investirmos numa guerra despropositada em torno das precedências e do estudante–elegível. Relativamente à questão do estudante–elegível, só tenho os números relativamente à UL onde posso dizer que, de acordo com os estudos que efectuámos, se fosse aplicado o método do estudante–elegível, em média, na universidade este abrangeria apenas 6,16 por cento dos alunos.

Financiamento e estudantes

No que toca ao financiamento das universidades portuguesas, que método defende?

É indispensável que haja uma responsabilidade social, isto é, da colectividade organizada e por conseguinte do Estado, na formação e na qualificação dos membros da própria sociedade. Isto, no meu ponto de vista, é o princípio que funda a responsabilidade para com as universidades e não só.

Portanto, não concorda com o aumento das propinas. E com o valor das actuais?

A minha posição pessoal, como cidadão é conhecida: penso que as propinas não devem ser um instrumento de financiamento do ensino superior. O mais que poderíamos ter era a propina como uma espécie de taxa moderadora para a utilização de um serviço e, por conseguinte, uma propina quase simbólica. Se tomarmos a propina no quadro actual em Portugal com aquilo que são os nossos problemas de estrutura, com aquilo que são os abismos, os intervalos que nós temos que preencher para nos aproximarmos da Europa de que fazemos parte, nota–se que há aí um investimento que é necessário ser feito. Todo esse tipo de problemas me leva a dizer que optar por um financiamento privado daquilo que é um bem público, embora esse financiamento privado possa ser feito recair sobre os estudantes ou sobre as famílias, não me parece que seja a solução política adequada.

As propinas têm sido fundamentais para garantir o funcionamento da UL?

Desde que sou reitor tenho seguido aquilo que os governos e as Assembleias da República têm decidido. Por conseguinte, o que foi decidido pelos diferentes governos e pela Assembleia da República é que a estimativa das propinas a cobrar no ano x são retiradas ao orçamento que é transferido do Orçamento de Estado. Por conseguinte, na UL, essas verbas têm sido integradas para o financiamento do funcionamento da universidade. Nuns casos, só para financiamento extra–remunerações e, noutros casos, também para financiamento de remunerações - depende das faculdades.

> **"É indispensável que haja uma responsabilidade social (...) na formação e na qualificação dos membros da própria sociedade"**

Além do financiamento, a presença dos estudantes nos órgãos de decisão tem também levantado alguma polémica...

Há uma proposta do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) que poderá ser interessante e que corresponde àquilo que eu entendo que, neste momento, poderá ser um espaço de convergência, quer para estudantes, quer para funcionários ou docentes, no que diz respeito a garantir alguns mínimos de participação nos órgãos de decisão. Do ponto de vista pessoal, não vejo qualquer problema em que haja representação dos estudantes nos órgãos (obviamente que se estivermos a falar de conselhos científicos não faz sentido). No entanto há, não vale a pena esconder, obstáculos reais a esse tipo de participação. Agora o que posso dizer é que a universidade portuguesa felizmente conhece e tem inúmeros casos em que há participação estudantil em órgãos de governo com resultados que são extremamente interessantes. Sobretudo se percebermos (e é o que é difícil no caso português) que talvez tenhamos que evoluir de uma lógica em que os corpos se confrontam entre si para uma outra em que se perceba que aquilo que são as linhas de fractura ou divisão que atravessam todos os corpos. Desta maneira, é possível encontrar formas construtivas de participadamente procurar e construir as soluções necessárias para os muitos problemas que a universidade portuguesa atravessa.

Considera que o ensino superior é uma prioridade para o actual Governo?

Até agora não tenho dados que me permitam dizer que a prática corrobora essas afirmações.

Futuro

Está confiante nos frutos que a actual discussão pública pode dar? Ou considera que Pedro Lynce não está sensível a este debate?

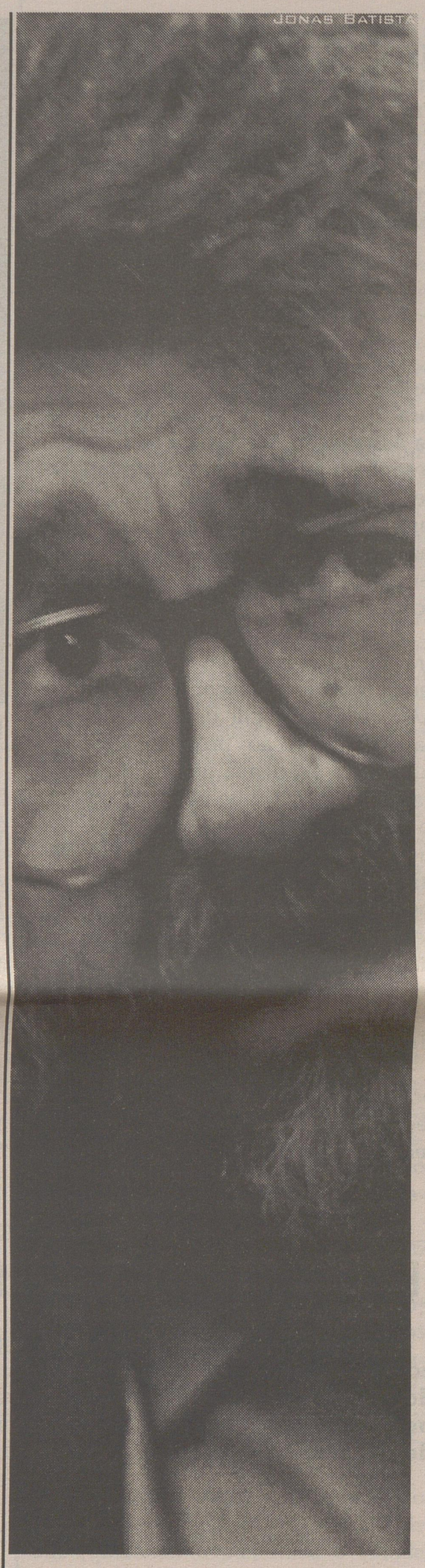
Daquilo que eu conheço de opiniões e ideias que foram lançadas nos meios de comunicação, as ideias são tão díspares e nem sempre estão organizadas em termos de implementação ou materialização, que poderá ser difícil a qualquer grupo de trabalho que se debruce sobre essas matérias retirar daí alguma coisa.

Teme a anunciada reforma do ensino superior?

Não sou um homem que tenha medo.

Futuro da universidade em Portugal? Quais são as suas previsões, após a revisão legislativa?

Penso que vamos atravessar nos próximos dois anos e meio um período muito difícil e complicado, se não houver intervenções governamentais sérias. Gostaria que essas dificuldades não se convertessem em turbulência. O meu desejo mais firme é que haja um clima de entendimento, para que com serenidade e com lucidez sejamos capazes de construir as soluções à altura, não só que merecemos, mas também do país.



"Não sou um homem que tenha medo"

O filósofo

Apesar da escassez de tempo, o reitor da Universidade de Lisboa não deixa morrer o filósofo. Num mundo cada vez mais complexo, Barata Moura considera que existe "uma necessidade acrescida de pensar"

Como se relaciona o filósofo e o reitor?

Eu diria que se relacionam muito mal. Ser reitor é o compromisso prioritário (e actual) na minha vida, e por isso a disponibilidade para fazer outras coisas de que eu muito gosto escasseia.

A filosofia faz cada vez mais falta neste mundo conturbado em que vivemos?

No mundo cada vez mais complexo, há uma necessidade acrescida do pensar, não só a complexidade mas também a rapidez da aceleração do movimento histórico. De alguma maneira, a filosofia, não sendo a única disciplina que trata dessas matérias, deve ajudar no pensamento desse complexo.

Como filósofo, como vê a relação das pessoas com o seu interior? Interiorizamo–nos pouco? Já não há tempo para pensar?

Essa questão é interessantíssima. É uma questão ontológica, mais do que ética. O que está em causa é qual é a qualidade do ser humano que nós somos. Qual é a sua espessura? Somos apenas uma superfície onde as coisas batem e escorrem, ou temos também uma densidade, uma interioridade, uma espessura? Creio que ter essa espessura é um enriquecimento e que é no diálogo conjunto que vamos descobrindo e construindo essa espessura. Essa interioridade é um dos desafios do viver. Esse problema, afecta–nos a todos, como seres humanos, por isso o considero ontológico.

A vida profissional, representada por Hegel como campo de batalha, deixa margens aos estudantes para o espaço cultural na universidade?

Esse é um dos grandes desafios da universidade. Compreender como o cultivo de um saber técnico ou artístico como formação básica numa universidade pode ser potenciado, enriquecido e alargado no sentido de abertura de outros horizontes. Essa formação mais alargada, relacionada com a questão de administrar o tempo, [tempo esse] que é o do nosso viver, não a vejo como concorrente, opositora, àquilo que é uma preparação de especialidade. Pelo contrário, vejo-a como um factor de enriquecimento.

Como vê a dinâmica cultural em Portugal e o papel da sociedade civil e do Estado nessa área?

Há muitas formas de auto–organização da sociedade no domínio da cultura e que têm uma pujança muito importante. A cultura faz–se pela participação, e de várias maneiras e formas. Pode ser tanto a representar como a acarretar os cenários para uma peça. É por tudo isso que vai passando o alargar de horizontes na formação das pessoas.

Secções culturais manifestaram-se ontem no TAGV

Capital da Cultura contestada

As secções culturais da Associação Académica de Coimbra manifestaram–se ontem contra a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, nas escadas do Teatro Académico de Gil Vicente. A iniciativa vai continuar até quinta-feira

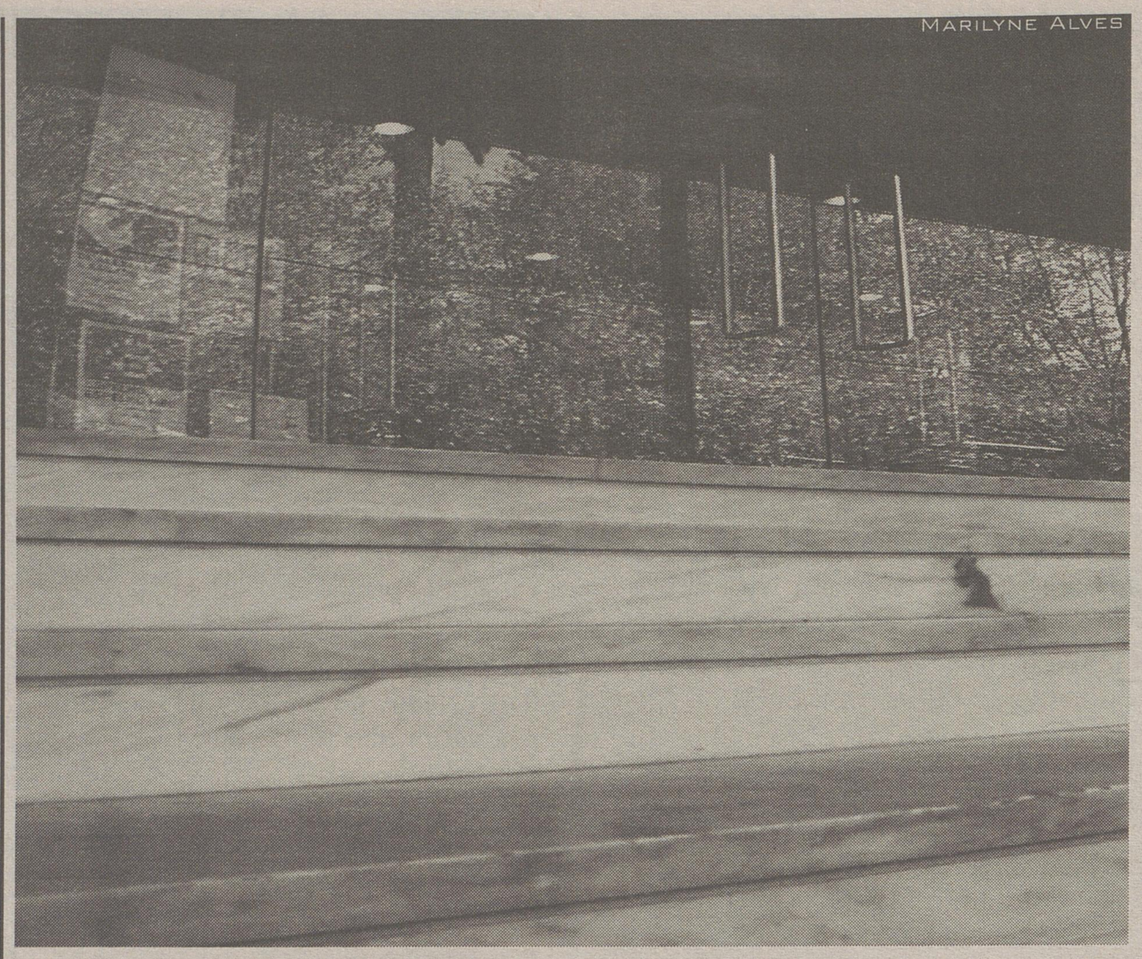
MARILYNE ALVES
CATARINA RODRIGUES

Com o desenrolar da programação de Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), as várias secções da Associação Académica de Coimbra desenham as estratégias contestatárias de "Coimbra: uma cidade, duas culturas", a forma encontrada para protestar contra o facto da CCNC 2003 não ter aprovado nenhum dos projectos da academia.

A iniciativa, denominada "Coimbra: uma cidade, duas culturas", pretende mostrar o descontentamento da AAC pela ausência de respostas por parte da CCNC aos projectos apresentados pela academia em Julho do ano transacto. "Acho que não está correcto pela idade que esta casa tem e por tudo aquilo que já fez pela cidade" afirma o presidente do Centro de Informática da AAC (CIAAC), Miguel Capelo. O CIAAC vai marcar presença na manifestação efectuando uma mostra de computadores nos degraus do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV).

A secção de Fado da AAC, em resposta à não integração dos seus projectos na programação da CCNC, vai realizar dois concertos. Os grupos de fado "Renascer" e "Coimbra de Sempre" estiveram ontem presentes nos degraus do TAGV e, amanhã, a secção vai actuar na Praça da República.

Por seu turno, a secção de Direitos Humanos não vai desempenhar qualquer acção contestatária devido "à necessidade de um espaço físico mais alargado para as suas actividades", referiu Pedro Branco, presidente da secção. No entanto, mostra–se solidário com a AAC e promete marcar as futuras actividades da secção com um carácter crítico desta situação.


MARILYNE ALVES

Degraus do TAGV são palco de contestação até quinta-feira

O protesto da secção de Jornalismo consiste na distribuição do número 94 do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA em frente ao TAGV.

A secção de Gastronomia, que não apresentou qualquer projecto à CCNC, pretende participar na manifestação lançando um cartaz informativo com o único objectivo de se mostrar solidária com as outras secções culturais.

A secção de Astronomia da AAC pretende assinalar o seu desacordo simbolicamente. "Vamos levar um telescópio e distribuir panfletos para ensinar a fazer observações de diferentes tipos", afirma Joana Marques, presidente da secção.

A distribuição de panfletos é também a forma encontrada pela secção de Escrita e Leitura para manifestar o seu apoio à AAC.

Por sua vez, o grupo Ecológico apresentou um abaixo–assinado contra a garraiada da Queima das Fitas.

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) mostra–se solidária com as diversas secções e vai proceder ao acompanhamento jornalístico desta contestação. A RUC tenciona assim dar o seu contributo enquanto secção da AAC, continuando no entanto a sua parceria com a CCNC.

O Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) decidiu não participar na iniciativa por não ver razões para este protesto. Para Vítor Ferreira, presidente do CEC "a análise dos projectos que a CCNC faz é consoante com os gostos estéticos da equipa. A lição a tirar é apresentar no futuro projectos com mais qualidade", conclui.

Os orgãos culturais autónomos como o Grupo de Etnografia e Folcore da Academia de Coimbra, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra e o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra recusam qualquer participação na iniciativa, por não se sentirem lesados no desenrolar do seu trabalho.

Abílio Hernandez, presidente da CCNC 2003, afirma que "as portas continuam abertas para a AAC e que o prolongamento desta polémica não irá beneficiar nem a AAC nem a CCNC".

Projecto de reestruturação da AAC

Edifício novo dentro de dez anos

A alteração mais relevante no edifício passa pela incorporação do espaço actualmente ocupado pelas cantinas azuis. Dia 20 a academia discute as propostas

RITA DELILLE
MARÍLIA FRIAS

A reestruturação do edifício vai custar cerca de dois milhões de euros e dita a integração do espaço ocupado pelas cantinas azuis na estrutura da Associação Académica de Coimbra (AAC).

No novo edifício, os Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra vão passar a funcionar na encosta que vai desde as escadas monumentais até ao edifício das caldeiras, pretendendo esta mudança libertar o espaço ocupado actualmente pelas cantinas azuis. O custo do projecto, apresentado há cerca de dois anos, rondava os dois milhões de euros se a obra se realizasse na sua totalidade. No entanto, se a obra avançar por fases, sendo o edifício reestruturado por módulos, o custo pode ascender a cerca de três milhões e 750 mil euros.

O projecto vai trazer alterações significativas sendo de realçar a integração do espaço ocupado pelas cantinas azuis no complexo da AAC. A entrada principal dará acesso directo ao jardim. O Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra e o bar trocam de lugar, ficando este último também com acesso directo ao jardim. A sala de estudo é substituída por um novo sistema de escadas e elevadores que permite o acesso desde o piso de entrada até ao topo, onde está neste momento a ser preparada uma sala de reuniões e exposições. A nova AAC irá albergar um auditório mais amplo e duas a três salas de ensaios. Aqui vão estar também integrados um pequeno café, com esplanada virada para o jardim, as instalações da Rádio Universidade de Coimbra, salas de estudo, salas de informática e uma biblioteca. Para o presidente da Direcção Geral da AAC, Victor Hugo Salgado, o projecto será concretizado já que "o espaço degradado e as verbas já dispendidas fazem com que este seja um projecto vital para o desenvolvimento da AAC". O plano contempla uma futura distribuição dos espaços que se encontra em discussão até ao próximo dia 20, em que está marcado um debate entre todas as secções e órgãos e a DG/AAC.

PUB

"Via Latina"

Até ao final do mês de Maio estão abertas as incrições para que todos os membros da Academia de Coimbra entreguem as suas propostas de colaboração no relançamento da revista "Via Latina". Os projectos serão apreciados e seleccionados durante o mês de Junho.

A primeira revista "Via Latina" foi publicada em 1889, pela Associação Académica de Coimbra, a última teve a sua geração em 1991. Pelo meio contam–se dezenas de números, ora como revista, ora como jornal. Contra o poder ou a seu lado; Sofrendo os reveses da censura ou paulatinamente desafiando–os, saboreando a liberdade conquistada ou o estreitamento das distâncias. Pelas páginas da "Via Latina" passaram textos políticos e de arte (desde poesia a contos, passando por desenhos de moda e planos arquitectónicos). Nas páginas do vasto espólio da "Via Latina" figuram nomes como António Nobre, Branquinho da Fonseca, José Guilherme de Melo e Castro, Paulo Quintela, Salgado Zenha, Fernando Pessoa, Miguel Torga, Zeca Afonso, Francisco Lucas Pires, José Mattoso, Miguel Esteves Cardoso, Francisco Moraes Sarmento, Natália Correia, Boaventura de Sousa Santos, ou Ana Salazar.

Doze anos depois da publicação do último número, a Secção de Jornalismo vai reeditar aquele que é um espaço por excelência de reflexão e discussão da academia e universidade, mas também do país e do mundo em que nos inserimos: a revista "Via Latina". Desta vez, o tema responde ao título de "Globalizações no Plural" e pretende fomentar a discussão e confrontação de ideias, combatendo o amorfismo e espírito acrítico que a "Via Latina" sempre abominou. À comunidade universitária em geral, a direcção da "Via Latina" lança o convite para a participação na sua próxima edição, através da apresentação de projectos até ao final do mês de Maio.

Via Latina
Ad Libitum

Projecto "Via Latina"
Secção de Jornalismo da AAC
Rua Padre António Vieira
3000 Coimbra
Telf/Fax: 239 821 554
e-mail: via_latina2003@yahoo.com

Autoridades apertam o cerco à imigração ilegal

Imigração cresce em Coimbra



A região Centro funciona como plataforma giratória de entrada de imigrantes ilegais

A nova Lei da Imigração prevê mais requisitos para a entrada de trabalhadores estrangeiros em Portugal e mais responsabilidades para os patrões. Coimbra é uma placa giratória de imigração em Portugal

NUNO FELÍCIO
JOÃO PEDRO MARQUES

A nova lei de imigração, aprovada dia 12 de Março, estabelece maiores restrições para quem é natural de outro país e pretende viver em território português. A autorização de residência passa a ser concedida só a quem tiver um contrato de trabalho e couber numa quota estabelecida anualmente em função das necessidades do mercado de trabalho, de acordo com as directrizes governamentais. As novas autorizações de permanência vão ser limitadas e as já concedidas vão ser prorrogadas. O diploma atribui também maiores responsabilidades para as entidades empregadoras: quem empregar um imigrante ilegal poderá pagar uma multa e ser obrigado a custear a repatriação do trabalhador.

O controlo do desemprego, o evitar dos potenciais conflitos sociais e a diminuição da imigração ilegal são os objectivos que o novo diploma se propõe cumprir. Elísio Estanque, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, considera que esta é, no essencial, uma lei que traz vantagens porque "são necessárias novas medidas de regulação de modo a pôr travão ao tráfico clandestino de trabalhadores". Mas este docente universitário afirma ser importante "não esquecer que devem ser políticas cautelosas que não ponham em causa o modelo social europeu e continuem a afirmar a Europa como baluarte dos valores democráticos, do respeito pelas diferenças e pelos direitos".

Entre os vários partidos com assento parlamentar há consenso quanto à necessidade de nova legislação sobre a matéria, mas os partidos da oposição manifestam-se contra a lei aprovada em Março.

A zona centro

Nos últimos vinte cinco anos o número de estrangeiros a residir no centro do país quadruplicou. Segundo dados da Direcção Regional do Centro do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (DRC/SEF) cerca de 18.000 indivíduos estrangeiros têm actualmente autorização de residência nesta região do país, 6500 dos quais só no distrito de Coimbra, número (que não contempla as autorizações de residência) composto maioritariamente por cidadãos provenientes da África Lusófona, do Brasil e da Europa "comunitária" e de Leste. Segundo Manuel Palos, responsável da DRC/SEF, o centro do país é sobretudo uma região de trânsito e não uma zona de fixação de residentes. Sendo Vilar Formoso a maior porta de entrada terrestre para a imigração em Portugal, a região centro configura-se como uma placa giratória a partir da qual os imigrantes se deslocam para grandes centros urbanos do litoral como a grande Lisboa, o grande Porto ou o Algarve.

As duas caras da imigração

Vladimir Pliassov vem do Leste mas não chegou há pouco tempo nem trabalha na construção civil. É professor de Língua Russa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O primeiro contacto com Portugal teve-o nas páginas do "Avante" quando estudava na Universidade de Moscovo. Depois, uma mistura de gosto pela cultura portuguesa, de oportunidade e de desilusão com a "perestroika", levaram-no, ainda antes do desmantelamento da URSS, primeiro a Moçambique e depois a Coimbra. Paralelamente às aulas faz traduções para o SEF e para tribunais. Confessa que recebe mais do que esperava mas... "menos do que merecia". Quanto aos imigrantes de Leste entristece-se com a desorientação de muitos mas acha, ainda assim, que são uma grande riqueza para Portugal e que o estado e os patrões podiam aproveitar melhor, com menos exploração e mais apoio.

Para Vítor Vieira, guineense, operário da construção civil estabelecido em Portugal há cerca de um ano e meio, a entrada em vigor da nova lei de imigração vem tornar ainda mais periclitante a situação dos imigrantes em Portugal. Mostra-se inclusivamente preocupado com o facto de muitos cidadãos estrangeiros poderem ser obrigados a abandonar o país logo que terminem grandes obras que agora estão em curso. E deixa uma pergunta no ar: "O que vai acontecer aos imigrantes em Coimbra depois de acabarem as obras da Ponte Europa ou do Euro 2004"? "Isto é um negócio. Por enquanto Portugal precisa de nós e nós precisamos de Portugal. O problema é quando Portugal deixar de precisar de nós", remata.

Centro cívico aprovado

Município pretende o fim da exclusão social nos bairros do Ingote e da Rosa

DIANA RAMOS

Atrair pessoas de toda a cidade aos bairros do Ingote e da Rosa é o principal objectivo a que a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) se propõe com a construção de um centro cívico. A requalificação urbana e o fim da exclusão social trazem à cidade alguns dos mais conceituados arquitectos nacionais e além-fronteiras.

A CMC aprovou um protocolo com a Associação para o Desenvolvimento e Formação Profissional de Miranda do Corvo (ADFP) para a realização de um projecto de dinamização e reestruturação do Planalto do Ingote. Os arquitectos Gonçalo Byrne, João Mendes Ribeiro, Carrilho da Graça e Javier Garcia-Solera Vera foram já convidados a apresentar um modelo de estudo prévio da área, que compreende a construção de um centro cívico e de um centro social e residencial. "Realizar equipamentos, dar vida de cidade, prever inclusivamente comércio e actividades associativas de maneira a que as pessoas não estejam em cidades-satélite", são, segundo o vereador do pelouro de Habitação, Gouveia Monteiro, os princípios nos quais se baseia a iniciativa.

O projecto consiste na criação de um espaço multifuncional com "equipamento desportivo, cultural e associativo", e pretende albergar simultaneamente os serviços de apoio social da autarquia, sedes de colectividades e associações de moradores, assim como micro-empresas que venham a ser criadas pela população da zona.

A edilidade coimbrã fornece terreno à ADFP, um estudo prévio e um projecto de execução global para toda a envolvência, incluindo a implantação dos três edifícios da associação e a construção de novos arruamentos. Por sua vez, esta "paga à comunidade de Coimbra e à câmara através de um sistema de créditos", de acordo com o vereador.

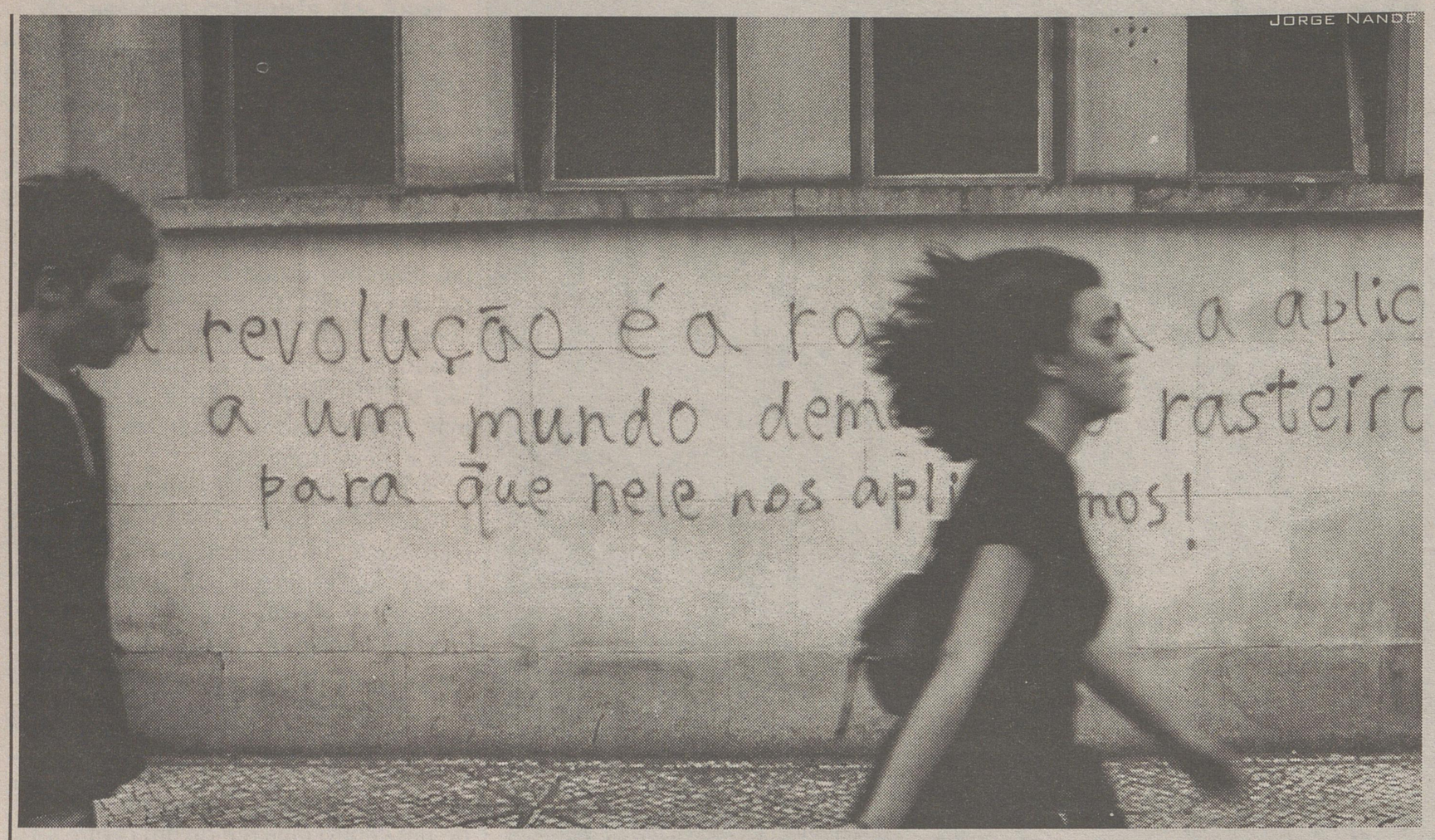
A "aposta é forte" e a intenção do pelouro de Habitação é a criação de um equipamento para toda a cidade fruir onde a existência de um plano com qualidade arquitectónica assume particular importância "para quem não quer que aquilo seja uma zona de exclusão".

Depois da abertura do concurso dos projectos preliminares e da definição do plano funcional e do caderno de encargos, Junho é o mês estipulado para o final da entrega das candidaturas dos ateliers de arquitectura. Após isso, a CMC pretende dinamizar duas discussões públicas, uma no local, com a população envolvente e outra voltada para a cidade, sobre as intenções subjacentes à construção do equipamento. As propostas de estudos prévios devem ser entregues até Outubro, ao que se segue a decisão do júri. Nessa altura inicia-se a execução do programa base, dos projectos de especialidades e do projecto de execução propriamente dito. O final da construção está previsto para Maio de 2007.

NACIONAL

Penúltimo plenário de preparação vai aprovar programa e conferencistas

Fórum Social em contagem decrescente



Fórum Social Português entra na recta final do seu apresto com o IV Plenário Nacional de Preparação

A menos de dois meses do evento, A CABRA foi tomar o pulso dos preparativos junto de alguns dos movimentos envolvidos na organização do Fórum Social Português (FSP). O *IV Plenário Nacional de Preparação vai decorrer no sábado* e pretende aprovar o programa e respectivos conferencistas

SARA CARDOSO
MÁRIO GUERREIRO
PEDRO RAMOS

Várias são as associações que têm conjugado esforços para a concretização do primeiro FSP. O plenário de sábado é o penúltimo antes do evento que vai decorrer em Lisboa entre 7 e 10 de Junho, na Cidade Universitária. Apesar da complexidade de um evento que se espera reunir mais de uma centena de organizações, tudo parece estar bem encaminhado.

A Pédexumbo é uma das entidades directamente envolvidas no FSP. Com sede em Évora, a organização também responsável pelo festival Andanças, certame anual de danças internacionais, será a anfitriã do plenário deste fim–de–semana.

Manuela Pires, um dos membros do movimento, afirma que estão a ser desenvolvidos todos os esforços logísticos para possibilitar uma larga participação no plenário. Neste sentido, "a organização está a oferecer bolsas de dormidas e de boleias". Assim, quem tem no seu veículo particular lugar para mais alguém, publicita-o no site da instituição. Os eborenses disponibilizam igualmente alojamento nas suas residências aos participantes que vêm de outras localidades.

A Pédexumbo vai propor uma oficina sobre como fazer um festival de dança e outra subordinada ao tema "Cultura e Sociedade" em parceria com a Associação José Afonso.

A ATTAC–Portugal (Associação para a Tributação das Transacções Financeiras para Ajuda aos Cidadãos) vai também apresentar a sua contribuição, propondo um conjunto de conferências sobre o financiamento da economia e sobre a guerra. "A negociação *no Acordo Geral de Comércio e Serviços* que prevê a privatização das águas e de um conjunto de bens públicos" são, na opinião de Nuno Ramos de Almeida, da ATTAC - Portugal, "questões polémicas que merecem ser discutidas".

Coimbra no fórum

De Coimbra, vão estar presentes no Plenário a Pro Urbe - Associação Cívica de Coimbra, a "não te prives" - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais e a Acção Jovem para a Paz (AJP). Apesar de possuírem estruturas independentes, estas associações vão apresentar alguns projectos resultantes de um trabalho conjunto. Uma oficina com o intuito de discutir os resultados do "Sem Preconceitos" (encontro realizado em Coimbra no passado mês de Dezembro) terá a colaboração destes três movimentos provenientes da Lusa Atenas.

Marisa Matias da Pro Urbe refere ainda a realização de uma conferência sobre Democracia Participativa. Boaventura de Sousa Santos, Carlos Genro e Sónia Meira (representante do Movimento dos Sem–Terra) do Brasil serão alguns dos prováveis oradores.

A Pro Urbe vai apresentar uma mesa de controvérsia sobre "Urbanismo e Sustentabilidade" ao cuidado do arquitecto José António Bandeirinha.

Por sua vez, a "não te prives" tem na forja a apresentação de duas oficinas sobre "Sexismo e Homofobia". Nas palavras de Paulo Jorge Vieira, elemento do movimento, uma é construída "a partir de histórias do quotidiano feita por elementos da 'não te prives'", enquanto a outra tem como base a "análise de diferentes áreas da linguagem" (media, discurso quotidiano ou a própria literatura). Esta última visa avaliar até que ponto a linguagem actual reproduz os estereótipos e os discursos homofóbicos.

A nível de conferências a "não te *prives*" irá sugerir uma reflexão sobre "o modo como a sexualidade, o corpo e o seu uso, os direitos sexuais e reprodutivos se plasmam actualmente e o que se prevê para o futuro na sociedade portuguesa".

A AJP, por seu turno, encara a necessidade de desenvolver uma "cidadania sexual" a partir do FSP. Neste sentido as suas propostas têm como temáticas a "igualdade de tratamento em relação às lésbicas, gays, bissexuais e transexuais" (LGBT) bem como as questões de defesa das mulheres, "em casos de violência, do aborto, dos direitos da família" como refere Celina Santos, uma dos membros da organização.

A estrada para o Fórum

O FSP insere–se na descentralização de um movimento de globalização alternativa, que tem tido como ponto máximo as reuniões do Fórum Social Mundial na cidade de Porto Alegre no Brasil. O programa do FSP será constituído por conferências, oficinas, debates, exposições e eventos culturais e irá girar em torno de três grandes áreas temáticas. A primeira dessas áreas vai ser dedicada à Democracia, Cidadania, Direitos e Serviços Públicos. Outra das áreas irá debruçar–se sobre o eixo Trabalho, Economia, Globalização e Desenvolvimento Sustentável. Por fim, Defesa e Promoção da Paz e da Solidariedade e Luta Contra a Guerra constituem a outra área temática.

O processo de preparação do FSP iniciou–se a 30 de Maio do ano passado, com a realização do I Plenário Nacional de Preparação. No plenário estiveram presentes vários movimentos sociais, como a Pro Urbe, a ATTAC - Portugal ou o Conselho Português para a Paz e Cooperação, a AJP, entre outras. Estiveram também presentes representantes de alguns partidos de esquerda, como o Partido Comunista Português, o Bloco de Esquerda e o Partido Ecologista "Os Verdes".

A 21 de Setembro, no II Plenário Nacional de Preparação, que teve lugar em Coimbra, as entidades presentes decidem agendar o FSP para Junho de 2003, com a aprovação da Declaração de Coimbra, em que se proclama "que um outro Mundo mais Pacífico, Justo, Solidário e Sustentável é não apenas necessário, mas possível".

A 11 de Janeiro de 2003 realiza–se o III Plenário de Preparação, onde é aprovado o modelo programático do FSP. Assim, determina–se que por cada manhã se irão realizar três conferências, uma por cada eixo temático. Para a parte da tarde estão previstas oficinas, bem como a realização de encontros e mesas de diálogo e controvérsia.

No horário nocturno terão lugar vários eventos culturais. Em permanência vão existir variados espaços com temáticas da responsabilidade das organizações proponentes.

Em relação à abertura do evento, ficou decidido no III Plenário que esta vai decorrer na noite do primeiro dia de trabalhos do FSP. No encerramento do FSP deve ocorrer uma ocupação de rua, cuja convocação e definição dos objectivos são da responsabilidade das organizações que vão estar presentes no último plenário preparatório do Fórum.

Em Fevereiro tem lugar uma reunião do Grupo de Organização. No processo de preparação do fórum as organizações apostadas em o levar a bom porto decidiram formar três grupos essenciais à preparação do evento: o Grupo de Rede, o Grupo Programa e ainda o Grupo Organização. O primeiro grupo tem sido responsável pela "divulgação e alargamento social" do FSP. O Grupo Programa tem à sua responsabilidade o programa do FSP propriamente dito. Finalmente, o Grupo Organização tem tomado em braços a definição de questões logísticas e legais do fórum (data e duração, local, tipo de financiamento, divulgação, convocação dos plenários preparatórios e modelo organizativo).

No primeiro dia de Março, os vários grupos de trabalho reúnem–se em Coimbra. Na sequência da aprovação dos estatutos e legalização da associação responsável pela gestão financeira e administrativa do FSP, procede–se também à formação da Assembleia Constituinte da Associação de Gestão do FSP 2003, com a eleição dos órgãos sociais da associação.

Ainda durante o mês de Março, mais concretamente no dia 29, realiza–se mais uma reunião do Grupo de Programa.

O processo derradeiro de preparação do FSP inicia a sua contagem decrescente com plenário de sábado. O quinto e último plenário de preparação do fórum vai ter lugar no dia 17 de Maio, e vai servir para acertar os últimos pormenores do evento.

Iraque desvia atenções de outras regiões turbulentas

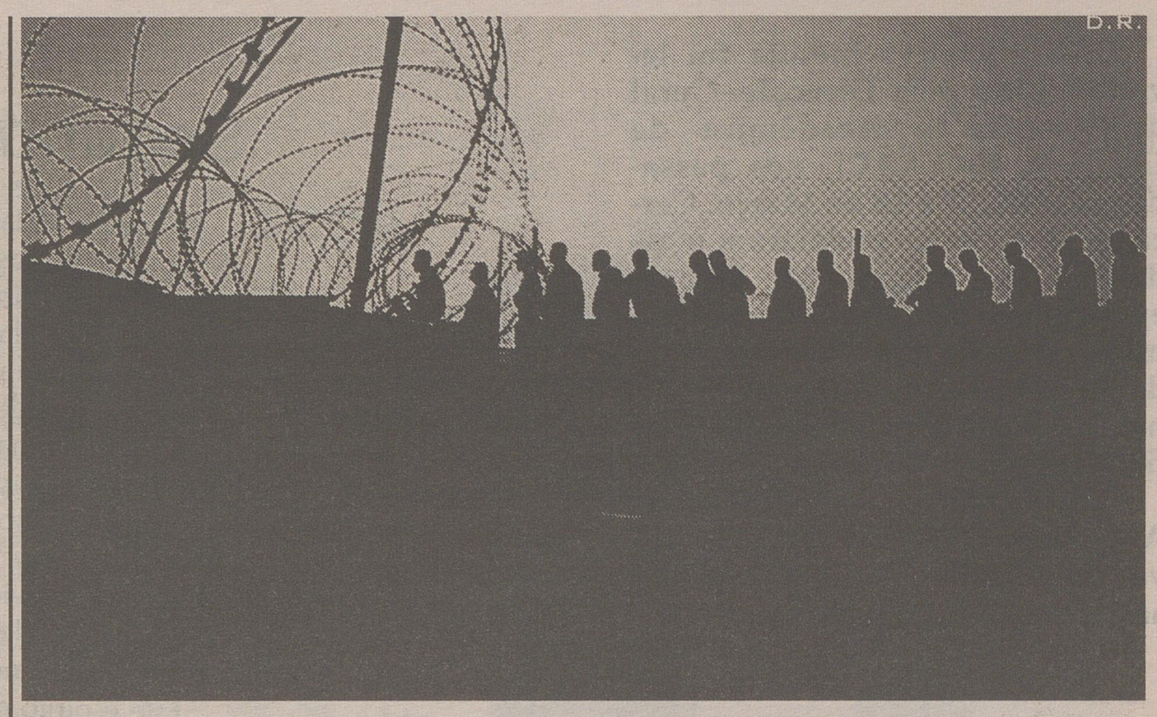
Possíveis confrontos mundiais

Enquanto o conflito armado no Iraque concentra todas as atenções, subsistem outros focos de tensão política no mundo. Situações de risco que poderão ser agravadas com a escalada da violência

VÍTOR AIRES
GUSTAVO SAMPAIO

A intervenção militar anglo–americana no Iraque, país situado na instável região do Médio–Oriente, poderá vir a gerar repercussões directas ou indirectas em determinados conflitos por todo o mundo. Na opinião de dois especialistas, questões como o conflito israelo–palestiniano, as intenções independentistas da Tchetchénia e de Taiwan, a disputa pelo território de Caxemira entre a Índia e o Paquistão ou a tensão política vivida na península coreana poderão conhecer novos desenvolvimentos nos próximos tempos.

"Nos desígnios estratégicos dos EUA, a intervenção e a imposição de um novo regime no Iraque iria facilitar a resolução do conflito israelo–palestiniano", afirma Rogério Leitão, docente na licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. No entanto, reitera que "o reacender dos focos fundamentalistas poderá tornar ainda mais difícil" alcançar este objectivo. O conflito entre israelitas e palestinianos mantém–se aceso com sucessivos atentados terroristas e consequentes investidas militares que provocam milhares de vítimas mortais em ambos os lados. Na opinião de Rogério Leitão, o actual conflito armado no Iraque poderá influenciar negativamente a execução de um plano de paz para a região.



Check-point na Faixa de Gaza: Médio-Oriente pode sofrer novas turbulências

Tchetchénia e Caxemira

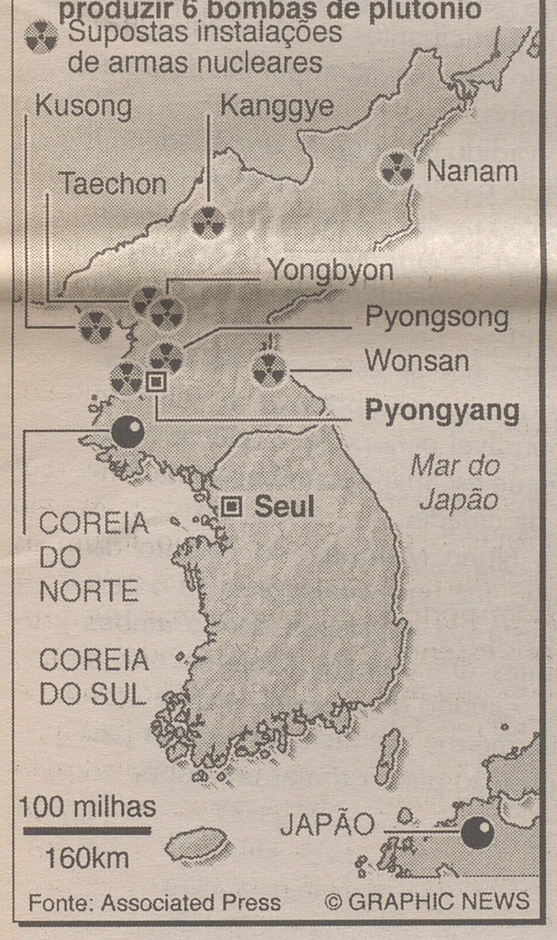
"O problema da Tchetchénia está em banho–maria. O território está mais ou menos controlado pelas forças armadas russas mas o problema nacional não está resolvido", declara Rogério Leitão. Na sua opinião, o recente referendo levado a cabo na região representa um passo importante no sentido de "refazer a vida do povo da Tchechénia", cujas condições de vida considera desumanas. Por sua vez, Álvaro Vasconcelos, director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais, refere que "não existem condições" no território para se conseguir uma "votação livre". Este referendo sobre uma nova Constituição para a Tchetchénia, realizado a 23 de Março, levou à sua aprovação com cerca de 96 por cento dos votos favoráveis. O território passa assim a fazer "parte integrante da federação da Rússia".

"A situação entre a China e Taiwan não parece apontar para um confronto", afirma Rogério Leitão. O docente acredita que a China estará mais interessada na própria "estabilidade interna" de forma a "reforçar o seu poderio para ser a médio prazo a potência dominante do Oriente", mantendo o conflito "por razões puramente ideológicas". No entanto, Álvaro Vasconcelos considera que a reunificação da ilha "continua muito difícil" e acrescenta que em Taiwan "a democracia está hoje mais longe do modelo de Pequim". Taiwan continua sem representação nas Nações Unidas devido à recusa das autoridades chinesas, persistindo a tensão diplomática entre as duas partes.

"A questão de Caxemira, se for agudizada por milícias muçulmanas, poderá provocar a utilização por um lado ou por outro da arma nuclear", alerta Rogério Leitão. "Os EUA têm conseguido até agora controlar esta ameaça". Contudo, "poderemos chegar a um ponto em que a hiperpotência, com ou sem aliados, não consiga controlar o conflito" entre a Índia e o Paquistão, argumenta. A tensão política tem aumentado nos últimos meses na área fronteiriça entre os dois estados, com sucessivos atentados terroristas levados a cabo recentemente na região de Caxemira. Paralelamente, tanto a Índia como o Paquistão persistem em desenvolver testes de mísseis com capacidade nuclear, apesar dos apelos contrários da comunidade internacional.

Coreia do Norte nuclear

De acordo com um relatório das autoridades norte-americanas, a Coreia do Norte reiniciou um reactor nuclear em Yongbyon mas ainda não reactivou uma fábrica do complexo com a capacidade de produzir plutónio para armas nucleares. A Coreia do Norte é alegadamente capaz de produzir 6 bombas de plutónio



A ameaça da Coreia do Norte

Na opinião de Rogério Leitão, os EUA estarão renitentes quanto ao uso da força na Coreia do Norte devido ao "perigo de utilização de armas nucleares". Álvaro Vasconcelos acredita que a estratégia norte–americana deverá constituir "uma combinação de firmeza com acção diplomática", o que realça a grande oposição internacional face à intervenção militar no Iraque. "Não é provável que os EUA se lançem proximamente numa intervenção militar semelhante", conclui. A península coreana vive tempos de grande instabilidade política e o recente reatamento do programa nuclear admitido pelo regime da Coreia do Norte acentuou o clima de tensão. Os EUA exigem que os norte–coreanos suspendam o programa nuclear, acusando o regime de Kim Jong–il da pretensão de produzir armas de destruição maciça. A Coreia do Sul e o Japão mostram–se igualmente receosos perante os últimos desenvolvimentos. No final do mês de Março, a Coreia do Norte ameaçou publicamente retomar o programa de lançamento de mísseis.

Assassinato do primeiro-ministro sérvio leva a instabilidade nos Balcãs

Violência regressa à Sérvia

Com o assassinato do primeiro–ministro sérvio, os Balcãs voltam à instabilidade política. O primeiro–ministro substituto pretende prosseguir as políticas principais do seu antecessor

JOÃO BAÍA

O primeiro–ministro da Sérvia, Zoran Djindjic sofreu um atentado que o conduziu à morte, no passado dia 12 de Março, em frente à sede do Governo. Com o consequente decreto do estado de emergência e a ameaça de novas convulsões sociais, o primeiro–ministro interino Zoran Zivkovic tenta apaziguar a tensão no território.

O Governo sérvio, após o assassinato de Djindjic deu poderes especiais à polícia sérvia, que está a tentar desmantelar poderosos grupos mafiosos, e dissolver a Unidade para Operações Especiais das Brigadas Vermelhas (JSO), que ao que tudo indica estão ligados ao atentado. A polícia sérvia prendeu Zvezdan Jovanovic, comandante adjunto da JSO, suspeito do assassinato.

Zoran Djindjic de 50 anos, dirigente do Partido Democrático, um dos maiores vultos da oposição democrática da Sérvia, foi o homem mais operacional no processo de derrube do regime de Slobodan Milosevic, sendo designado primeiro–ministro nas eleições legislativas de 2000.

Djindjic conseguiu através de grandes reformas uma aproximação com as instâncias internacionais. Uma das suas grandes prioridades era o combate ao crime organizado e à corrupção.

O atentado pode vir a desestabilizar a tensa região dos Balcãs, dada a boa relação de Djindic com o actual presidente montenegrino, o que de algum modo "foi conseguindo protelar aquilo que parece ser uma questão de tempo - a opção de Montenegro pela independência", segundo Ricardo Alexandre, professor na licenciatura de Jornalismo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Vozes levantam–se de algumas regiões que reinvidicam o estatuto de autonomia que, a acontecer poderá provocar cisões e reduzir "a Sérvia a Belgrado e arredores", de acordo com o docente.

Ricardo Alexandre sublinha a questão do Kosovo e afirma: "Se a comunidade internacional decidir que a região tem direito a um referendo e para decidir a independência", isso trará consequências graves, visto que, "a comunidade sérvia, cada vez menor, que vive no Kosovo ainda detém algum peso" e a própria Sérvia não aceitaria de bom grado a opção do Kosovo. Por outro lado, a independência do Kosovo poderia desencadear um efeito contrário, reacendendo o conflito na Bósnia Herzgovina, "onde a custo a população sérvia, com muito empenho e ajuda internacional tem aceitado a criação de um Estado independente".

A estabilidade futura da Sérvia depende agora de Zoran Zivkovic, o homem que está a substituir Djindjic à frente do Governo, tornar–se uma figura com uma dimensão semelhante à do seu antecessor.

De Coimbra a Lisboa - o diário d' "A volta

Uma iniciativa inédita foi levada a cabo pela Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), nos passados dias 26, 27 e 28 de Março. Cerca de 30 ciclistas pedalaram mais de 200 quilómetros até Lisboa, em protesto contra o provável aumento das propinas. Desacreditada por alguns, "A volta das propinas" conseguiu alcançar os objectivos a que se propunha.

Proveniente de uma decisão da Assembleia Magna, esta iniciativa não era alheia àqueles que iam assistindo à sua passagem

Texto:
Joana Moreira
Rui Pestana
Fotos:
Joana Moreira

Primeiro dia: etapa Coimbra - Leiria

Número um da Padre António Vieira às 8h30 - um cenário peculiar: três motas da GNR, uma ambulância e vários jornalistas. Por esta altura, as bicicletas começavam a amontoar–se em frente ao edificio da AAC. Entretanto, um telefonema ameaçava o cancelamento da acção, mas tudo não passou de um falso alarme. A boa disposição era uma constante, apesar de, segundo Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC, se adivinharem "três dias muito duros".

Inicialmente estavam inscritos 50 ciclistas, no entanto apenas 36 compareceram, tendo Victor Hugo Salgado apontado a chuva como a principal razão para estas desistências. Quando questionado sobre os motivos que levam a academia a pedalar até à capital, afirma tratar–se de "uma acção simbólica destinada a marcar uma posição na opinião pública".

A partida só aconteceu às 9h45. Antes do arranque, foram distribuidas t–shirts pretas que tinham como slogan "As propinas não são solução" - nesta volta não há camisolas amarelas. A ansiedade começava a instalar–se e já se perguntava "Quando chegamos a Lisboa?!". Para descarregar a adrenalina foi improvisada uma aula de alongamentos dirigida por um dos participantes. Era importante aquecer os músculos pois a saída de Coimbra contava com subidas muito difíceis.

O pelotão seguia encabeçado por um comercial da DG/AAC e escoltado por duas motos da GNR. A servir de carro–vassoura seguiam duas carrinhas de apoio e uma ambulância da Cruz Vermelha, que acompanhou todo o percurso.

Os primeiros quilómetros foram muito desgastantes, pelo que menos de uma hora depois "A volta das propinas" parava em Antanhol. Ao final da manhã começam a cair os primeiros chuviscos, o que motivou uns e desmotivou outros. Formaram–se então dois pelotões, o que veio dificultar a organização. A discórdia instala–se e Victor Hugo Salgado encarrega o primeiro carro de abrandar o andamento pois era importante manter o grupo coeso.

Entretanto, a chuva mantinha–se e foi mais uma vez apontada como justificação para duas desistências: "Vamos retomar mais tarde, quando parar de chover", alegavam duas estudantes de desporto.

As forças iam faltando, e por volta do quilómetro 30, impôs–se a paragem para o almoço. Uma refeição ligeira e a reportagem da TVI sobre a iniciativa da AAC foram suficientes para recuperar as forças e seguir viagem.

A tarde decorreu sem sobressaltos, embora tenha sido muito desgastante. Isabel Sá Marques supercoordenadora do Pelouro da Política Educativa da DG/AAC, enquanto "aproveita a boleia" de uma das carrinhas, fala–nos das primeiras horas: " De manhã, o pessoal estava animado, correu tudo bem e as pessoas conseguiram atingir os objectivos. A parte da tarde foi mais complicada pois os músculos começaram a doer e os assentos eram um bocado duros". Acrescenta ainda que as razões que a levaram a participar nesta acção têm que ver com uma tentativa "de chamar a atenção dos nossos colegas que estão adormecidos e consciencializá–los para o que se está a passar no ensino superior. De certeza que não viemos a pedalar de Coimbra até Lisboa para ir beber uns copos! É uma forma de chamar a atenção para os problemas que já temos e para os que possivelmente irão surgir".

Numa das paragens, o responsável máximo pela academia coimbrã salienta a importância de "chegarmos todos juntos a Leiria para criar impacto e porque caso contrário a nossa iniciativa perde peso". Foi o que se verificou, e "Coimbra", "Académica" e "Briosa" eram os gritos de ordem à entrada na cidade do Liz.

Depois de oito horas a pedalar e quase 80 quilómetros nas pernas, o pessoal já só pensa no merecido descanso. A primeira etapa de uma iniciativa que se pensava impossível de concretizar estava concluída.

Segundo dia: etapa Leiria - Rio–Maior

O segundo dia começa cedo e com uma novidade. A organização facultava esponjas devido às queixas dos ciclistas relativamente ao selim. Devido a vários atrasos, a saída, às 9h50, revela–se complicada. Logo pela manhã, são várias as subidas com que se deparam, o que originou grandes filas de trânsito atrás do pelotão, bem como algumas desistências.

Entre os primeiros do pelotão seguia Berto Messias, que depois de um primeiro dia em que sentiu dificuldades em acompanhar o ritmo, esforçava–se agora para recuperar a sua honra.

A meio da manhã, aproxima–se a "grande subida da Batalha". São vários os participantes que vão ficando para trás. No entanto, um dos ciclistas parece não acusar os quilómetros. Sempre que é preciso vai ajudando os seus companheiros, dando o empurrãozinho que falta. Sem mostrar sinais de cansaço, Carlos Ribeiro, do curso de português/francês afirma: "Não consigo conceber uma vida sem desporto e gosto de ajudar o pessoal. Solidariedade acima de tudo!". Acrescenta ainda que vai a Lisboa "não só pelo desporto mas também para mostrar descontentamento pelas medidas que o governo quer apresentar".

Este espírito de entreajuda manteve–se durante os três dias. Era importante manter a motivação pois a condição física não era a melhor e com a chuva o percurso parecia mais longo.

Durante o caminho, ouvem–se vários desabafos. "Não me falem em bicicletas nos próximos 10 anos!" era o mais repetido. Entre palpites acerca do número de quilómetros que faltavam, já só se pensava no almoço.

De facto, por volta das 12h30 é feita uma paragem, que se pensava breve, para a refeição. Duas horas mais tarde, "A volta das propinas" é retomada após um ansiado repouso e a indispensável au!a de alongamentos.

Com forças redobradas, faz–se o pelotão à estrada com destino a Rio Maior. O piso era agora mais fácil, pois as subidas eram poucas e traziam consigo as ansiadas descidas. Um ciclista anónimo junta–se agora aos participantes, tendo sido muito bem acolhido, pelo que os acompanha durante uma parte do caminho.

Rio Maior foi invadido pelos gritos de "Académica" às 16h30, perante os olhares espantados dos populares com a situação insólita. A recepção foi amistosa, o que não deixou de surpreender os participantes depois de todos os comentários negativos ouvidos durante a viagem.

Bastante animados, não se esquecem de congratular Berto Messias que, para surpresa geral, fez todo o percurso. O responsável pela política educativa da DG/AAC não consegue escapar de um banho na fonte da praça central da cidade.

Ao final do dia, Nuno Marques, do Pelouro do Desporto da DG/AAC, faz uma analogia entre o percurso académico e esta ida até Lisboa, sendo ambos cumpridos com muitas dificuldades. Nota–se que o cansaço é menor no segundo dia, apesar de já se contarem cerca 150 quilómetros. De facto, depois do jantar ainda houve disposição para ir tomar um copo.



das propinas"

Terceiro dia: etapa Rio–Maior - Lisboa

Sexta- feira é o último dia da epopeia até Lisboa. A manhã começa fria e nublada, mas agora já ninguém queria ficar para trás e às 8h30 ultimavam–se os preparativos para a partida. A organização "vestia" a rigor os carros de apoio com t–shirts e cartazes alusivos à "Volta". De Coimbra vieram também dois megafones que acordaram a cidade pelas 9h00, altura em que se retomou a pedalada até à capital. Ao som de Quim Barreiros, os quilómetros pareciam poucos.

A caravana seguia num ritmo festivo e não parecia haver necessidade de descansar. Contudo, por volta das 12h15, ouve–se alguém gritar mais alto: "Avisem que está aí a SIC!". Torna–se então necessário fazer uma paragem. Num descampado, sob a batuta do ex–maestro da Pitagórica, é rapidamente montado o cenário para a foto de grupo. É com este pano de fundo que são dadas as declarações para a estação televisiva.

É também por esta altura que o presidente da DG/AAC é informado de que o Movimento Académico Nacional (MAN) se aproxima de Lisboa. Quando questionado sobre o assunto, responde: "A Federação Académica do Porto, juntamente com mais algumas associações, resolveu fazer uma iniciativa idêntica à nossa. O que se passa é que não tem o mesmo impacto porque são só cinco ciclistas. Para além disso, destaca–se o facto de que quando eles estão cansados metem–se dentro da carrinha. Não demonstram nem o esforço, nem a vontade ou a garra da AAC. Nós não temos nada que ver com eles". Apesar de afirmar que não está preocupado com o facto de esta acção poder ofuscar o mediatismo da iniciativa dos estudantes de Coimbra, era visível alguma inquietação.

Por volta das 14h10, o pelotão regressa ao IC2. Alguns quilómetros depois, fazem uma nova paragem para uma rápida refeição pois a pressa de chegar a Lisboa é muita. É nesta pausa que Joel Rocha, presidente da Mesa da Assembleia Magna, vem dar força ao movimento contestativo.

À entrada em Alhandra, "A volta das propinas" ganha ainda mais um elemento. Mário Silvestre, 53 anos, veste a camisola da contestação por "uma questão de solidariedade". Tendo acompanhado a iniciativa pela televisão, a luta da academia não lhe passou ao lado e vai tentar acompanhar a "rapaziada" até à Assembleia da República.

A entrada em Lisboa, por volta das 17h30, é acompanhada por um slogan, onde a voz de Victor Hugo Salgado incitava à manifestação que iria decorrer no dia 2 de Abril. Ninguém ficava indiferente à passagem de Coimbra pela capital, dado que se tratava de uma sexta–feira em hora de ponta. Finalmente, começam–se a ouvir vozes de apoio, buzinadelas e aplausos de incentivo e são vários os populares que se dirigem aos carros de apoio, pedindo t–shirts da "Volta". Ao contrário do que se possa pensar, os últimos quilómetros foram os mais fáceis. Mesmo os que tinham desistido não queriam deixar de fazer a derradeira etapa. À medida que nos aproximávamos da Assembleia da República, as vozes iam aumentando de tom: "Briosa", "Coimbra" e "Académica" ecoavam nas ruas de Lisboa. A meta final é alcançada com muita euforia por parte dos ciclistas, que assim vêem os seus esforços recompensados.

À porta do Parlamento houve ovações para todos, dos GNR à Cruz Vermelha. Tempo ainda para Victor Hugo Salgado entregar aos grupos parlamentares "um documento aprovado no último fórum, que diz respeito a todos os que a academia tem a nível interno. E depois, porque queremos estar em harmonia com o movimento associativo nacional, entregamos também as linhas programáticas que são, neste momento, um documento de fundo para o ensino superior".

Depois de acalmarem os ânimos, é tempo de balanço. Cláudio Schulz, supercoordenador do Inter–Núcleos da DG/AAC, afirma que "a academia está de parabéns. Não tivemos o impacto televisivo que queríamos mas também não foi feito só para isso". Só lamenta que "os núcleos não se mostrem interessados neste tipo de actividades e que só esteja presente um presidente de núcleo que é o Loic, de Desporto. Em termos de Senado, a data da "volta" foi alterada para que pudessem cá estar. No entanto, não está cá nenhum dos Senadores, nem aqueles que refilaram na Magna".

O regresso a Coimbra fez–se de autocarro, e ninguém se atreveu a propôr mais uma viagem de bicicleta. Apesar do cansaço, o pessoal não desarmou. Ao som de Tony Carreira, os estudantes pareciam esquecer as dificuldades e recordavam apenas as peripécias ocorridas durante os três dias. "É assim que se vê a força da AAC!"







Pedalar contra a incompreensão...

Ao longo de todo o percurso, foram muitos os aplausos e incentivos a esta acção. No entanto, "A volta das propinas" não se livrou também de muitas provocações. Não era raro ouvirem–se frases como "Vão trabalhar!", "Andam a gastar o dinheiro dos vossos pais!" ou "'Pós' copos há dinheiro, 'pás' propinas é que não!".

Quanto a este facto, Victor Hugo Salgado realça que "quanto mais as pessoas percebiam que a nossa luta era credível, mais apoios recebíamos. É natural que existam opiniões contraditórias, mas o que eu acho essencial é a opinião pública saber quem nós somos e conhecer a nossa mensagem."

Comportamento tabágico nos estudantes

Universidade estimula tabaco

Estudo levado a cabo na faculdade de Psicologia e Ciências da Educação levanta a questão da falta de apoio a quem quer deixar de fumar

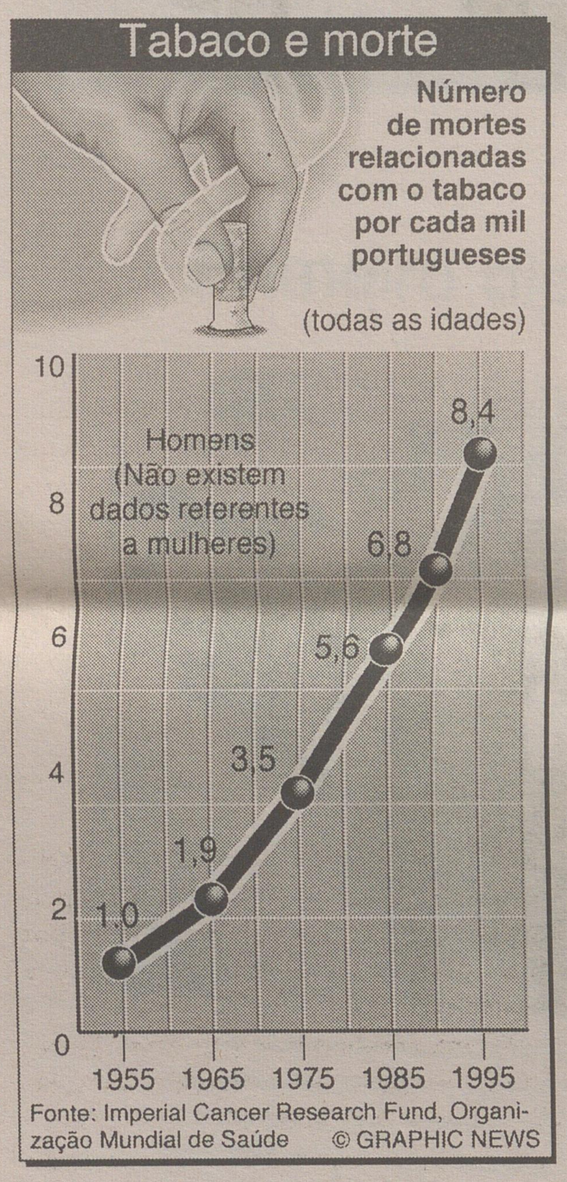
Sofia Marques

Mais de metade dos estudantes fumadores aumentam o consumo de tabaco com a entrada na Universidade de Coimbra. Por outro lado, 75 por cento dos estudantes fumadores que tentam abandonar o hábito tabágico acabam por não ter êxito. Estes foram os principais resultados obtidos por um estudo elaborado por Inês Pimentel, estudante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC).

Este estudo baseou–se numa amostra de 200 alunos da FPCEUC que foram avaliados quanto aos seus hábitos tabágicos e foi apresentado nas II Jornadas Científicas da Fundação Portuguesa de Cardiologia. Apesar de Inês Pimentel advertir para a impossibilidade de generalização deste estudo às outras faculdades, devido à particularidade da amostra (81,5 por cento dos inquiridos eram do sexo feminino), os resultados não deixam de ser motivo de reflexão. Além disso, e porque as estatísticas de diversas entidades mostram um maior número de fumadores entre os homens, tudo leva a crer que a percentagem de fumadores nas outras faculdades possa ser ainda maior.

Assim, o estudo revelou os seguintes resultados: 24 por cento dos entrevistados eram fumadores, 71 por cento não fumadores e 5 por cento ex–fumadores. Concluiu–se ainda que 54,4 por cento dos fumadores tinham aumentado os seus hábitos tabágicos com a entrada no ensino superior.

João Quental, psicólogo da equipa de Desabituação Tabágica do Hospital Geral do Centro Hospitalar de Coimbra (Covões), atribui o aumento do tabagismo com a entrada na universidade ao stress provocado pela conjuntura que envolve a inserção no meio académico, particularmente para quem vem de fora da cidade. As emoções provocadas por este novo contexto, associado às características do tabaco, fazem com que se comece a lidar disfuncionalmente com a frequência de *cigarros fumados.*

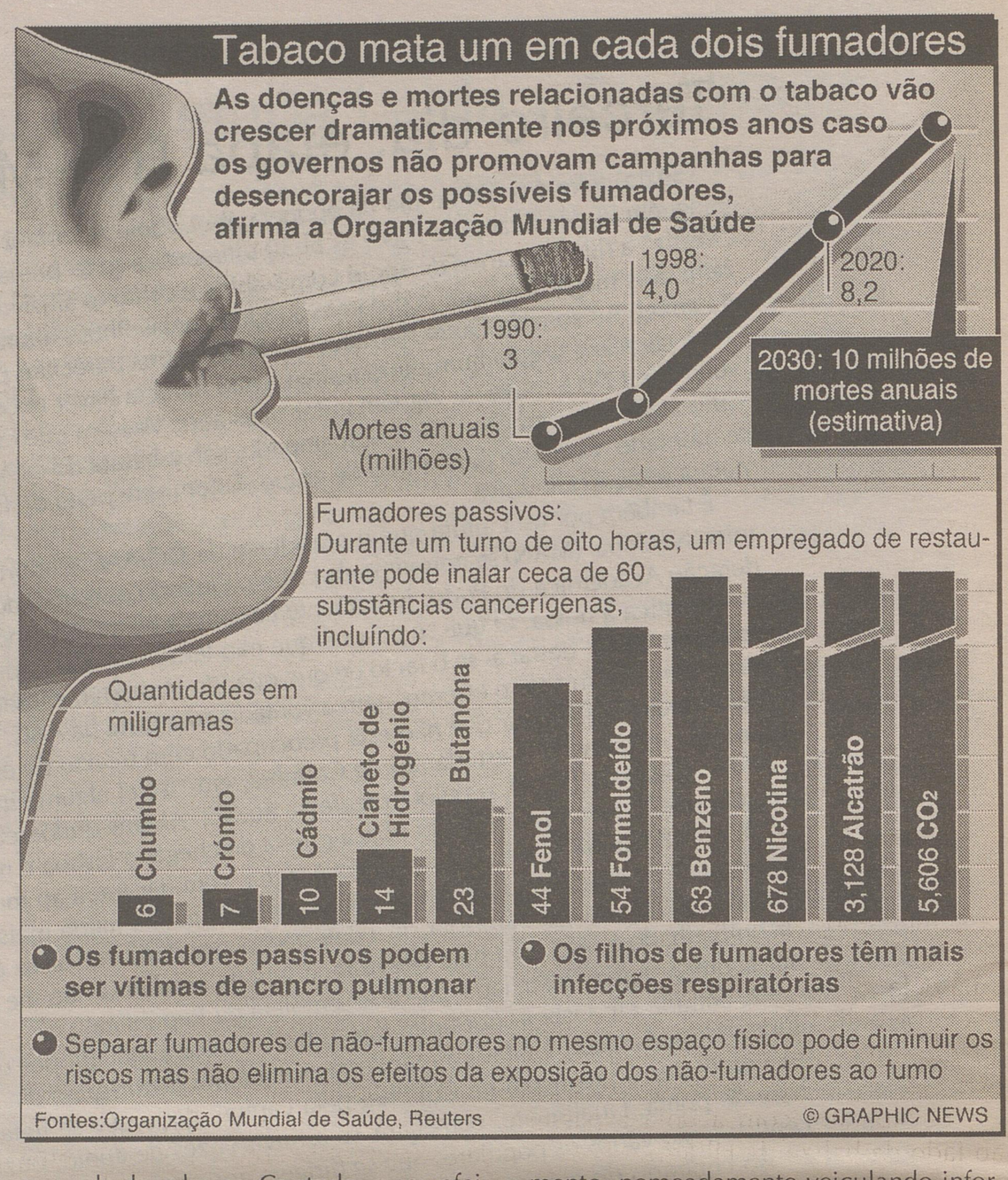


Como funciona o tabaco

O tabaco é uma droga estimulante que figura ao lado de outras, como por exemplo a cocaína, muito embora a dependência que ambas provocam seja bastante diferente. É considerada uma droga porque provoca dependência e tolerância (necessidade de uma cada vez maior quantidade para obter o mesmo efeito). A sua acção no sistema nervoso central começa sete minutos após ser inalado o seu fumo e tem uma duração de cerca de duas horas. Contudo, o seu efeito é ambivalente, ou seja, começa por ser um estimulante mas algum tempo após ter atingido os receptores cerebrais a sua acção torna–se depressora. Quer isto dizer que, embora o organismo esteja abastecido de nicotina, precisa eventualmente de um novo cigarro para recuperar o efeito estimulante. Este dado refuta a crença geralmente aceite de que o cigarro acalma, como adverte João Quental.

Na sua opinião, as campanhas de prevenção são ineficazes porque são bastante negativistas. "As campanhas devem informar de uma forma mais motivadora e mais propícia à mudança de comportamento, nomeadamente veiculando informação que esteja mais próxima dos problemas reais e práticos que as pessoas experienciam na condição de fumadores", afirma. Acrescenta ainda que estas campanhas devem ser sempre acompanhadas de informação descobre os locais onde as pessoas podem encontrar ajuda.

Na sua consulta de Desabituação Tabágica, João Quental recebeu já alunos da universidade bem como professores catedráticos, e deixa a sugestão da criação de grupos de ajuda dentro da academia ou nos serviços sociais da universidade para apoiar sobretudo quem pretende deixar de fumar e não consegue.



Estudo desenvolvido em Portugal

Investigação pró–ambiente

Estudo de enzima pode ser solução para o efeito de estufa

Joana Fialho

Uma equipa do Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, em colaboração com um grupo de cientistas franceses, está a desenvolver um trabalho de análise do comportamento da enzima que actua como catalisadora do efeito de estufa.

O estudo de enzimas, cuja actividade está na origem de determinados problemas ambientais, tem sido uma meta importante da investigação científica recente. Assim, esta investigação tem como objectivo final reduzir a actividade nociva desta enzima, de forma a diminuir o seu impacto nas modificações climatéricas a nível global. Neste âmbito, o grupo propõe–se controlar a actividade enzimática por reacção com inibidores, o que possibilita a diminuição da actividade nociva da bactéria sem a eliminar do sistema.

Após dois anos de trabalho, a investigação assenta, agora, em duas vertentes distintas. Por um lado, o estudo das enzimas relacionadas com o processo de biocorrosão, por outro, as que contribuem para o efeito de estufa e, portanto, para o aquecimento global do planeta.

Para Alice Pereira, uma das responsáveis por esta investigação, este projecto foi o primeiro "a determinar a estrutura cristalina tridimensional desta enzima, o que revelou um centro activo totalmente novo e desconhecido até então". Alice Pereira esclarece ainda que, além da importância que os resultados da investigação podem ter na prevenção de desastres ambientais causados pela biocorrosão, o conhecimento das características físico–químicas e bioquímicas únicas das enzimas em estudo vai permitir o avanço de vários domínios científicos.

Portugueses pouco informados

Ciência não desperta interesse

Dados recentes da União Europeia colocam Portugal na cauda da Europa no que toca aos conhecimentos científicos e ambientais

Vânia Correia

Portugueses, espanhóis e franceses são considerados os mais mal informados na União Europeia (UE) sobre temas relacionados com o ambiente. Segundo dados da Comissão Europeia, somente 36 por cento dos portugueses, 34 por cento dos espanhóis e 33 por cento dos franceses se assumem "muito bem informados", ou "suficientemente bem informados". Em contraste, 63 por cento dos finlandeses, 58 por cento dos dinamarqueses e 56 por cento dos luxemburgueses consideram estar bem informados.

No entanto, não é só no ambiente que os portugueses revelam falta de conhecimento. Segundo um estudo divulgado pela Fundação Calouste Gulbenkian três em cada quatro portugueses nunca leram revistas de divulgação científica. Por outro lado, apenas sete por cento afirmaram ler este tipo de revistas com alguma frequência.

Este estudo serviu como base a uma conferência internacional com incidência nas relações entre ciência e sociedade, intitulada "A Ciência ao encontro da Sociedade", que se realizou na quinta e sexta–feira. Neste evento, para além do debate das conclusões do livro "Públicos da Ciência em Portugal", de António Firmino da Costa, analisaram–se ainda os resultados das recentes avaliações (portuguesa e europeia) da literacia e da cultura científica. As barreiras que surgem à difusão da ciência através dos media e de outros meios interactivos também estiveram em discussão. Este ponto é particularmente relevante dado que o sistema científico depende do financiamento público.

Académica perde pontos em casa

Batalha campal

A Académica e o Nacional buscavam a tranquilidade na Superliga. No entanto, o sol que brilhava em Taveiro parece ter aquecido os ânimos dentro do campo. O resultado acabou por se desdobrar em dois: além de um empate a duas bolas, o jogo ficou marcado pelo pouco "fair–play" da equipa madeirense

Daniela Pereira

Para a Académica e para o Nacional da Madeira era vital conquistar os três pontos para alcançar uma posição mais confortável na Superliga, pois as duas equipas estão à beira da despromoção. Com este resultado, a Académica está um lugar acima da linha de água, com 27 pontos.

A partida até começou bem para os estudantes. Grande parte dos lances foram jogados no meio campo do Nacional pois a Briosa, balanceada para o ataque, procurava o golo. A primeira grande oportunidade veio de Marinescu, aos 17 minutos. Depois de uma bela jogada fez o mais difícil, falhando a baliza, com Marcelo Cruz, o guarda-redes, batido. Passados poucos minutos, o Nacional criou perigo através de Rossato, com a bola a passar ao lado da baliza de Hilário.

Perto do intervalo, Nuno Luís cruza para Dário que, à boca da baliza, bate Marcelo Cruz, abrindo o activo no marcador. Os adeptos academistas ainda festejavam o golo quando o espanhol Carlos Alvarez aproveitou um erro de marcação da defensiva academista e restabeleceu a igualdade.



Mais uma vez a Académica podia ter obtido um melhor resultado

Na segunda parte a Briosa começou melhor, ou não tivesse marcado logo aos cinco minutos. Uma mistura de sabores moçambicano e romeno fizeram as delícias da Mancha Negra. Dário passou a bola para Marinescu que marcou, repondo a justiça no marcador.

Logo depois, o ambiente aqueceu no Estádio Municipal Sérgio Conceição, quando Ricardo Esteves faz uma falta sobre Carlos Martins, vendo o segundo cartão amarelo. O Nacional passava a jogar com dez jogadores e a Académica sem Carlos Martins, que saiu lesionado na sequência desse lance. De seguida, a Briosa sofreu mais uma baixa. Hilário foi agredido por Adriano e o jogo interrompido por 10 minutos, sendo o guarda–redes substituído por Márcio Santos. A partir daí, o desafio ficou mais violento. Aos 43 minutos Cleomir cobrou um canto e, na sequência de uma atrapalhação defensiva, Rocha fez um auto–golo. Com o empate, os estudantes ficaram mais nervosos e o rendimento da equipa decaiu. Quando já se pensava que nada mais ia acontecer, os ânimos voltaram a aquecer com a expulsão de Tonel e, mais tarde, de Hugo Carreira.

No final do jogo, Artur Jorge era um treinador insatisfeito pois, no seu entender, não foram "tão ousados" como esperava. O técnico disse mesmo que "foi muito estranho" terem perdido, apesar do Nacional ser "uma equipa forte".

Futebol da AAC vence série com apenas duas derrotas

Consagração menos feliz

Depois da derrota na primeira volta, a Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra (SFAAC) encarou este jogo como um tira–teimas. Do outro lado, o São Silvestre deslocou–se a Coimbra disposto a estragar a festa dos estudantes

João Cortesão

Com a subida de divisão e o primeiro lugar da série já assegurados, a Académica aproveitou esta partida para rodar jogadores, tendo em vista a disputa da fase final do campeonato da I divisão distrital e a presença no torneio europeu de futebol universitário, já no próximo fim–de–semana. Num jogo em que o espectáculo deu lugar à agressividade, a derrota da Briosa, por duas bolas a uma, acaba por surgir como algo natural.

Numa tarde em que o Académica–Nacional afastou o público das bancadas do Estádio Universitário, o São Silvestre protagonizou as primeiras oportunidades de golo, pelos pés de Márcio e do lateral Lameiras. Com o esforço de Laertes pelo lado direito e José Filipe pelo meio, a Académica subiu no terreno, acabando por dominar o final da primeira parte. Aos 35 minutos, num canto confuso, Pedro Mendes marca o primeiro golo da partida para a Académica. Pouco depois, o São Silvestre reage e consegue chegar ao empate, que se mantém até ao intervalo.

No início da segunda parte, a agressividade do encontro provocou várias lesões, com alguns jogadores substituídos devido a problemas físicos. Apesar das contrariedades, o São Silvestre chega ao segundo golo, por Leandro, que protagonizou um grande remate depois de um alívio incompleto do guarda–redes Bruno.

Debaixo de um calor intenso, o cansaço depressa se fez sentir e o treinador da Académica, António Pinheiro, foi obrigado a lançar Francisco Mendes e Zé Miguel para refrescar a equipa, sobretudo no sector ofensivo. Depois destas alterações, a Académica começou a causar mais perigo, num jogo que se tornava cada vez mais físico. Os protestos do público também aumentaram de intensidade e deixavam antever um final de partida ainda mais quente.

A poucos minutos do fim, a Académica teve várias oportunidades de golo, apenas evitado por uma defesa apertada do guarda–redes Zé e por um corte em cima da linha de golo. Já no final do encontro, os protestos marcaram presença, manchando o último encontro do campeonato.

Amanhã a equipa desloca–se a Itália para disputar um campeonato europeu de futebol universitário. Os objectivos são os mesmos: conseguir a vitória e o consequente apuramento para a fase seguinte do torneio.



BOLA AO AR
João Cortesão

(In)Justiças

Depois de uma fase em que os maus resultados preencheram as (poucas) páginas dedicadas às secções desportivas da AAC, o bom tempo parece ter trazido uma melhoria do rendimento dos estudantes, talvez para justificar uma previsível quebra no período da Queima, que se aproxima a passos largos.

A pensar em férias e não na Queima das Fitas que se avizinha, a Secção de Voleibol venceu, no passado domingo, a equipa do Leixões, garantindo um histórico quinto lugar no escalão maior do voleibol português. Poucos acreditavam que esta equipa conseguisse um resultado deste nível, sobretudo se tivermos em conta as condições em que se deu a subida à A1. Apesar de ter beneficiado de um alargamento para conseguir subir de escalão, a Académica conseguiu provar, dentro do campo, que era uma equipa mais forte do que inicialmente muitos poderiam ter a ousadia pensar. Este resultado assume ainda maior destaque se tivermos em conta o facto de esta ser uma equipa quase exclusivamente composta por amadores, muitos dos quais estudantes.

O futebol foi outra das equipas que não necessitou da chegada do bom tempo para conseguir resultados positivos. Mesmo sem o protagonismo merecido, estes jogadores ultrapassaram as mais diversas dificuldades, construíndo um percurso brilhante apenas manchado por duas derrotas (curiosamente, frente à mesma equipa).

> "Será que um jogo da Secção de Futebol pode ser prejudicado pelos treinos do OAF?"

Numa altura em que a importância do público desculpa a mudança de estádios e a venda de bilheteiras é interessante analisarmos o percurso de uma equipa que, em média, conta com o apoio de apenas cinco por cento dos espectadores que marcam presença em cada jogo. Apesar das diferenças óbvias, não existe qualquer tipo de conflito entre o Organismo Autónomo de Futebol e a Secção de Futebol, que muitos vêm como "a verdadeira Académica", ainda que não assistam aos jogos. Tal como o público pode ser usado como desculpa para os maus resultados de uma equipa, o apoio a uma secção amadora pode ser apenas mais uma maneira de criticar o trabalho que é desenvolvido pelos seus homónimos profissionais.

Ataques à parte, os resultados acabam por surgir como factor de equilíbrio em todo este processo. Apesar do esquecimento colectivo de que são alvo, estes atletas (que muitas vezes esquecem o facto de também serem estudantes) continuam, semana após semana, a jogar em campos em que o pouco público presente apoia a equipa contrária.

Será que podemos falar de injustiça ou apenas de realidades opostas (tão diferentes como os resultados e classificações das equipas)? Será que um jogo da Secção de Futebol pode ser prejudicado pelos treinos do OAF?

Vitória sobre Loulé confirma elevados níveis de preparação e motivação

Basebol aposta no título

No arranque de mais uma temporada, a Secção de Basebol da Associação Académica de Coimbra renova o optimismo nos bons resultados, apostando decisivamente na conquista do título nacional numa modalidade que ainda está a dar os primeiros passos no nosso país

EDGAR CAETANO

A época não poderia ter começado melhor para os estudantes. Uma vitória sobre os bi–campeões do Loulé veio "reforçar a já elevada moral da equipa, colhendo os frutos de um trabalho de preparação que teve início há alguns meses", segundo Sandra Monteiro que, no passado sábado, assumiu funções da Presidência da mais jovem secção desportiva da Associação Académica de Coimbra (AAC). Em declarações ao jornal A CABRA, apontou como principal objectivo para este ano a vitória no Campeonato Nacional de Basebol, que dará acesso às competições europeias do próximo ano e proporcionará um "nível de competição mais elevado para o qual os atletas estão preparados fisicamente e extremamente motivados".

Dada a escassez de apoios exteriores, Sandra Monteiro admite que "por vezes é difícil sobreviver", particularmente numa associação académica que reparte os seus apoios por várias secções. No entanto, são movidos esforços no sentido de obter o reconhecimento e a atenção dos investidores, mas "a menos que haja um evento mediático ou uma participação em competições além–fronteiras, onde os patrocinadores vejam o seu investimento reflectido, é difícil conseguir esses apoios".

Por outro lado, é fundamental a obtenção de bóns resultados que relancem o basebol da Académica nas competições europeias, o que a catapultaria "para um nível competitivo superior, capaz de captar o interesse do público e dos media". Assim, a obtenção deste objectivo serve por completo as metas propostas pela recém–eleita direcção: chamar a atenção dos investidores, enriquecer o palmarés da secção e contribuir para o crescimento da popularidade do basebol em Portugal.

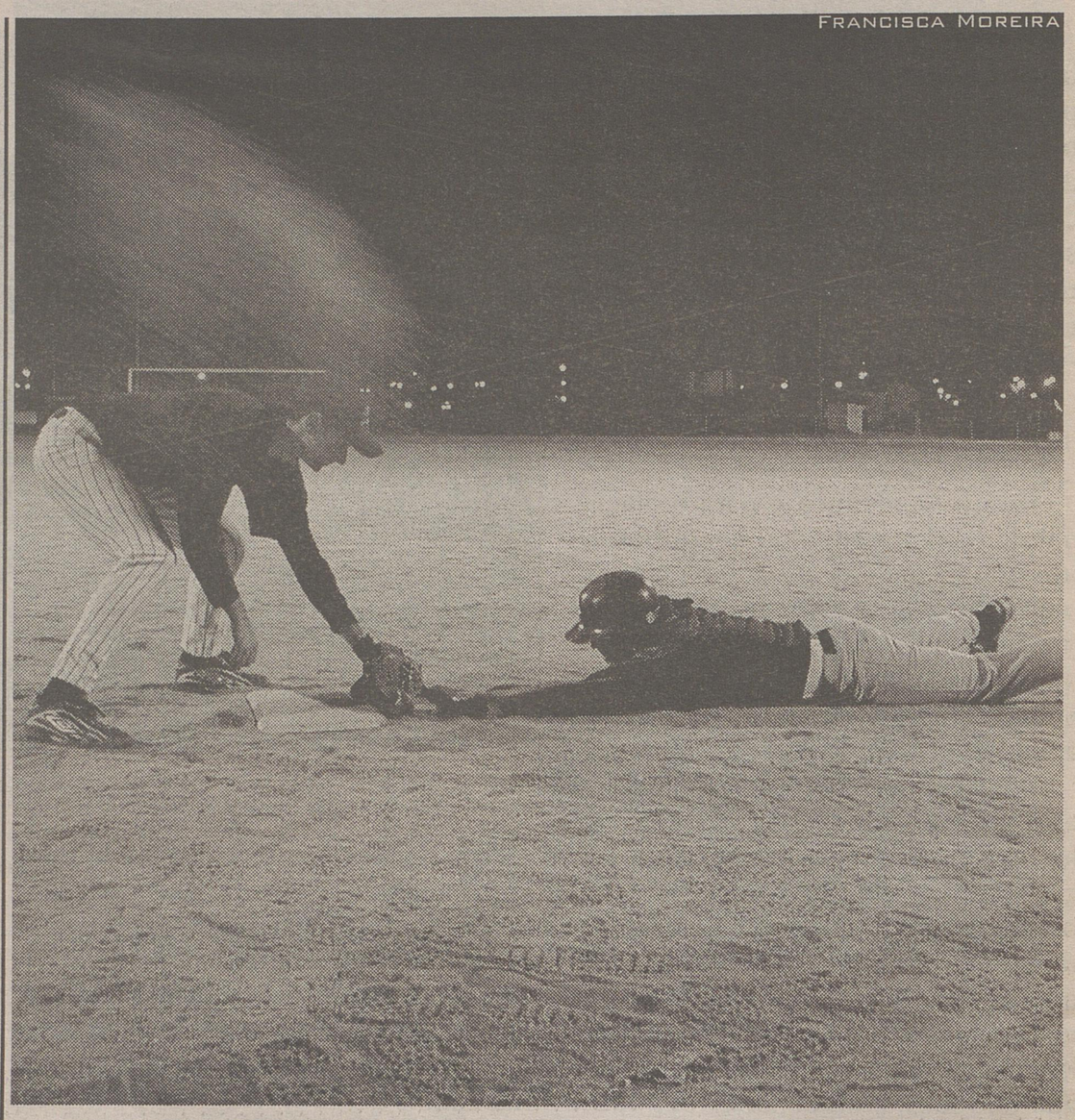
Um desporto pouco conhecido

A barreira cultural que separa a maioria do público português desta modalidade é um obstáculo para a sua evolução no nosso país. O facto de ser um desporto com regras muito particulares que o tornam "algo caótico e difícil de acompanhar para quem não dispõe de um conjunto de conhecimentos–base" dificulta bastante a sua expansão e divulgação. Sandra Monteiro afirma que é essencial que se aposte em "actividades de carácter muitas vezes lúdico, direccionadas ao público em geral, que visem ultrapassar essa primeira barreira de compreensão". Até porque "a partir do momento em que se obtém um conjunto de conhecimentos básicos sobre um jogo de basebol, o entusiasmo e o fascínio disparam". Neste âmbito, a Académica, em cooperação com a Federação Portuguesa de Basebol e Softbol, entre outras instituições, prepara um projecto de "divulgação da modalidade nas escolas da região", isto é, uma tentativa de inserir o basebol nos programas de Desporto Escolar, visando proporcionar aos jovens um contacto com este desporto e, numa fase posterior, "desenvolver um circuito de competição com outras regiões como Aveiro ou Oliveira de Azeméis que movem já esforços neste sentido".

Aposta nas camadas jovens

Para além da equipa de séniores masculinos e da equipa de softbol (variante do basebol) feminino, que se encontra "adormecida devido à falta de equipas adversárias", a Secção de Basebol aposta também nas camadas mais jovens que, na equipa de cadetes, dão os primeiros passos na modalidade. Para Sandra Monteiro, é muito importante formar jogadores que a médio prazo "criem uma geração de praticantes e adeptos que, à semelhança do que aconteceu em muitos países europeus, nomeadamente na Inglaterra, Espanha ou Itália, leve a uma definitiva implantação e reconhecimento a nível nacional". Por outro lado, numa equipa composta maioritariamente por jogadores nacionais, "dos quais muitos são atletas da casa que cresceram a nível desportivo na Académica", a captação de praticantes na comunidade universitária é "algo limitada, dada a grande variedade de actividades extra–curriculares à disposição na AAC e a essa barreira cultural que inibe o interesse de um estudante por uma modalidade sobre a qual tem, muitas vezes, conhecimentos nulos". No entanto, o optimismo é nota de ordem e, apesar das dificuldades, a Secção de Basebol da AAC pretende trabalhar para o crescimento interno, mas sobretudo para a expansão do desporto no nosso país.

FRANCISCA MOREIRA



Basebol começa nova época com vitória importante

Do Sta Cruz ao Universitário

Outra das condicionantes com que a secção se depara prende–se com a mudança para o Estádio Universitário, onde actualmente decorrem os jogos, bem como os treinos dos diferentes escalões do basebol da Académica. A isto obrigaram as obras no lendário Campo de Santa Cruz, que se arrastam há mais de um ano. Segundo Sandra Monteiro, isto retirou "alguns privilégios à Académica, nomeadamente a localização centralizada na cidade que, principalmente para os mais jovens, facilitava o acesso ao recinto". Por outro lado, "a necessidade de partilhar o espaço obriga a um jogo de horários que acaba por prejudicar a realização de treinos, especialmente com os cadetes".

III Prova do Campeonato Nacional de Tiro com Arco

Desafio de caça

A terceira prova do Campeonato Nacional de Tiro com Arco vai realizar–se em Coimbra no próximo domingo. A organização está a cargo da Secção de Tiro com Arco da Associação Académica de Coimbra (STAAAC), sendo esperados entre 80 a 100 participantes de todo o país

DIANA DUARTE
ADALGISA LEITÃO

O Pinhal de Marrocos (junto ao Pólo II) vai receber a terceira prova do Campeonato Nacional de Percurso de Campo com Arco e com Besta, que vai contar com a participação de sócios particulares e 44 grupos associados da Federação dos Arqueiros e Besteiros de Portugal (FABP). Segundo o presidente da STAAAC, Nuno Marques, o número de participantes só será conhecido na sexta–feira, aquando do fecho das inscrições.

A prova a realizar é do tipo "Animal DC", ou seja, com alvos de figuras animais colocados a distâncias conhecidas e conta com o apoio da Queima das Fitas e da FABP.

O tiro com arco teve origem na Inglaterra e concretiza–se em dois tipos de campeonatos: os chamados "indoor" (praticados em locais fechados) e os "tiro à natureza" (a realizar ao ar livre). As competições dividem–se depois em várias categorias, de onde podemos destacar a BHR (Bowhunter) e a LB (Longbow). A secção organizadora do evento tem–se distinguido, precisamente, nesta última categoria.

A STAAAC conta actualmente com cerca de 100 associados e foi criada em 1996, com a finalidade de formar pessoas nesta modalidade e de a promover. No que respeita a este último objectivo, os esforços por parte da actual direcção têm sido significativos, passando por demonstrações nas escolas, junto das camadas mais jovens.

Apesar da falta de espaço para treinar e das limitações económicas (conta apenas com o apoio financeiro do Conselho Desportivo da Associação Académica de Coimbra e da FABP), esta secção tem conseguido bons resultados nas provas em que participa. No último campeonato nacional alcançaram o 1º lugar por equipas e o 2º e 3º a nível individual. Para estes resultados foi importante a prestação de António Pereira que, para além de participar nas competições, é o treinador da equipa.

Partilhando, desde há algum tempo, o espaço de treino com praticantes de ginástica, a principal reivindicação da secção passa pela aquisição de um local no exterior para desenvolver a sua modalidade, uma vez que o tipo de campeonato em que participa é o "tiro à natureza".

Wordsong no palco do TAGV

Rock para uma cabeça psicadélica

O projecto Wordsong chega a Coimbra amanhã para homenagear Al Berto. Um espectáculo multimédia que junta poesia, artes da imagem e música, no Teatro Académico de Gil Vicente

LILIANA GUIMARÃES
SÓNIA NUNES

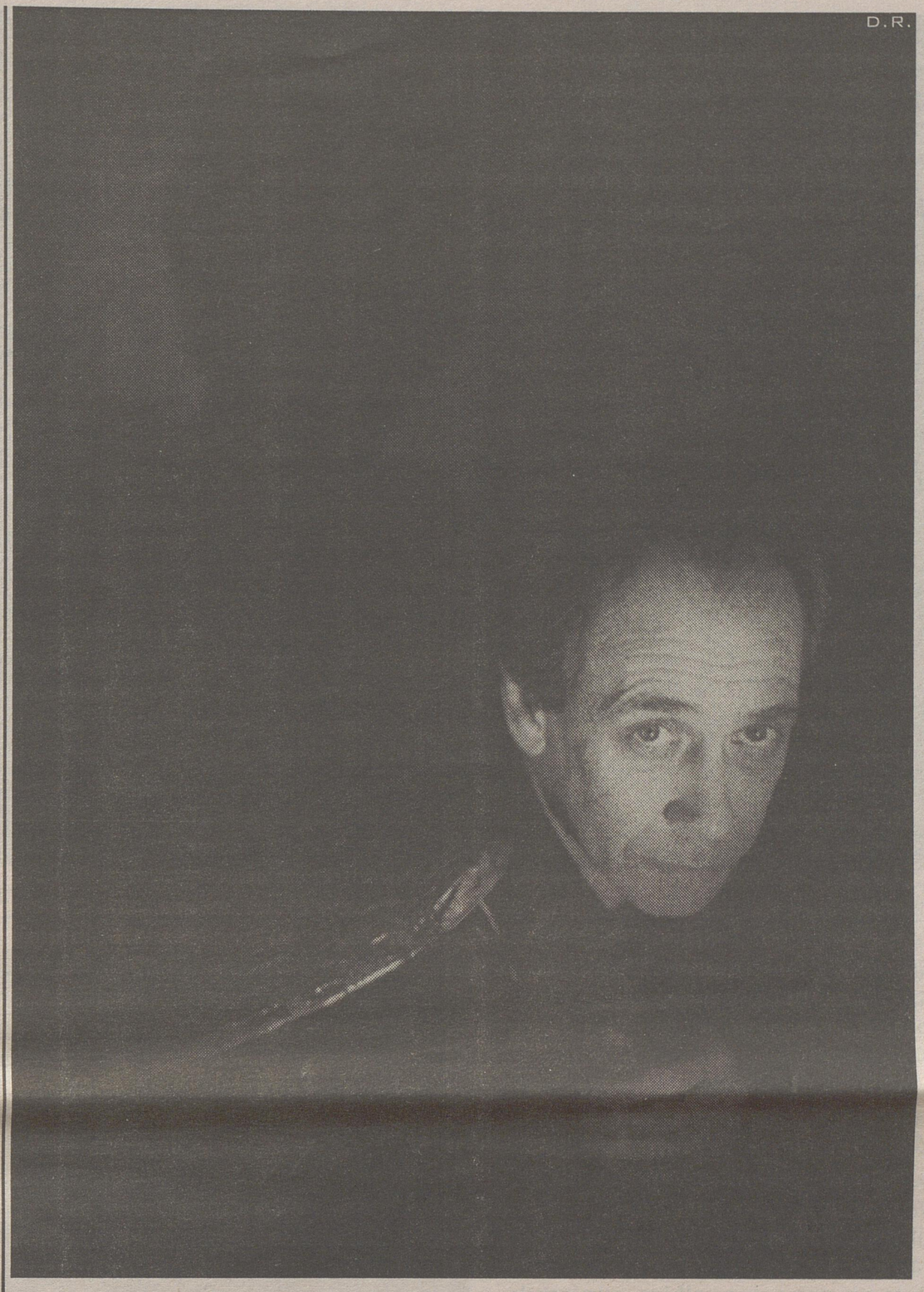
Com "Wordsong–Al Berto" nasceu um novo diálogo entre a música e a poesia portuguesa. O projecto é da autoria de Alexandre Cortez, Pedro d´Orey e Nuno Grácio e procura libertar a palavra da escrita para lhe devolver a essência sonora, em formato pop–rock.

Antevendo o espectáculo, A CABRA foi ouvir Alexandre Cortez, membro fundador do projecto Wordsong, baixista e programador. Amigo de Al Berto, trabalharam juntos no projecto "Filhos de Rimbaud". Com a precoce morte do poeta, em 1997, "ficou sempre no ar uma possível colaboração musical à volta do trabalho de Al Berto". Cortez lançou o desafio a Pedro d´Orey (ex–Mler Ife Dada) para dar voz ao projecto. O desafio foi aceite e, "a partir daí, surgiram umas noites de trabalho que germinaram e deram origem a 'Wordsong- Al Berto'", explica Cortez. Nuno Grácio (ex–Bobby Master Groove, Cães de Crómio) também se *juntou* ao projecto dando vida às guitarras.

Wordsong apresenta–se como uma visão multimédia dos poemas de Al Berto, em que estes são "desconstruídos, manipulados e quase reescritos", adianta Alexandre Cortez. Esta dimensão abstracta da escrita do poeta é da responsabilidade de Pedro d´Orey. A força da poesia levou os músicos a "ilustrá–la com imagens e a relacioná–la com a música". Neste sentido, convidaram um amigo videasta, Nuno Franco, a realizar as imagens para o espectáculo.

Ainda nas palavras de Alexandre Cortez, os músicos tocam "sincronizados com a imagem, o que remete para uma leitura diferente da poesia. A componente da imagem passa a ter um peso quase tão importante como a música". Porém, o objectivo não é ilustrar os poemas de Al Berto. Trata–se de uma interpretação própria e pessoal: "Muitas vezes as imagens não estão ligadas a sensações ou a emoções que a poesia de Al Berto exprime", clarifica Cortez.

A Rui Alves nas percurssões, Filipe Valentim nos teclados, Sérgio Costa na flauta transversal e Gui (Xutos & Pontapés) no saxofone, juntam–se dois convidados especiais: João Peste (Pop D´ell Arte) e J.P Simões (Belle Chase Hotel). São estes, segundo Alexandre Cortez, os convidados "de luxo" que garantem "um espectáculo especial e de muita qualidade". O músico é claro: "Acreditamos profundamente que se Al Berto fosse vivo iria gostar imenso daquilo que estamos a fazer".



D.R.

Poemas de Al Berto tomam nova vida no espectáculo "Wordsong"

Uma existência de papel

Coimbra, 11 de Janeiro de 1948. Nasce Alberto Raposo Pidwell Tavares, um dos artistas portugueses mais marcantes da segunda metade do século XX. Como disse Eduardo Lourenço, "Al Berto pertenceu a este mundo e a esta linguagem de poetas de um crepúsculo tão dourado por formas tão difíceis de habitar por dentro".

Foi em Sines que Al Berto passou grande parte da sua infância e adolescência. A irreverância e a arte de estar sempre à frente do seu tempo acompanharam–no desde cedo. No seio da alta burguesia conservadora e de origem britânica, enverga uns jeans e ténis rotos. Assinava já a sua liberdade.

O talento para a pintura levou-o a Lisboa onde frequenta o curso na área de formação artística na Sociedade Nacional de Belas Artes. Em 1967, deixa Portugal para ingressar na École Nationale Supérieur d´Architecture et des Arts Visuels em Bruxelas. Dois anos depois, junta alguns amigos e funda a associação internacional "Monfaucon Research Center". Expõe na Galeria Fitzroy (Bruxelas) e publica um livro de desenhos, ligado aos trabalhos do "Mounfaucon" - "Project 69".

Em 1971, já em Barcelona, Al Berto escreve "Noctiluque". É nesta altura que se assume definitivante como escritor. Sexo, desejo, morte, noite, silêncio, solidão, cidade, mar, corpo - escrevia "coisas assim unicamente para ter o prazer de (se) reler". Palavras inseparáveis do universo literário de Rimbaud. Uma escrita do excesso.

Um dia gritou "nada de literaturas", mas foi isso que ficou. "O medo", "Lunário", "O livro dos regressos" e "Horto de Incêndio", são os livros mais conhecidos. Porém "todos tiveram um carácter de urgência. A eternidade não é lerem–me dentro de 50 ou 60 anos ou ficar na história da literatura portuguesa. Só espero que meia dúzia de tolos me leiam agora e isso os toque". Morre em Lisboa a 13 de Junho de 1997.

Paulo Matos faz rir em Coimbra

One Man Show

"Trifásico", o mais recente projecto de Paulo Matos é uma comédia sem rede e sem complicações. Uma peça hilariante que, nas palavras do actor, promete "electrificar o público que assiste ao espectáculo"

SORAIA LETRA

O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) abre o pano para receber a peça "Trifásico". Um espectáculo da 100 Ilusões - Produções Culturais que será apresentado em Coimbra no próximo domingo.

Trata–se de uma interpretação a solo, marcada pela comédia. O protagonista, Paulo Matos, define o título da peça como "provocador e insólito". A ideia de "Trifásico" é a de energia. A própria palavra pressupõe "tri–fases", três personagens. "É como se eu estivesse no palco a desmultiplicar–me em etapas, personagens e histórias. Em cena estou eu, o outro eu, e o outro", explica o actor.

A peça conta com textos originais de Luísa Costa Gomes e do próprio Paulo Matos. A inspiração para a construção do texto proveio das temáticas que povoam, de uma forma regular, a cabeça de todos os seres humanos, que vão desde as grandes questões como "Deus e a morte, o céu e o inferno, até coisas perfeitamente prosaicas como a partilha do trabalho doméstico ou as diferenças entre os sexos, os problemas da língua e do nome das coisas", afirma Paulo Matos.

No texto há "um principio, um meio e um fim, que é depois composto por muitas histórias parcelares com as quais o espectador se vai identificar", explica o actor, que adianta: "O objectivo é fazer rir de forma a convidar o público a pensar e reflectir sobre as grandes questões do homem."

Paulo Matos concluiu em 1981 a licenciatura do Curso Superior de Teatro do Conservatório Nacional de Lisboa, com uma tese na variante de formação de actores/encenadores. Anos mais tarde, parte para Paris como bolseiro do governo francês, onde frequenta durante dois anos a Escola de Teatro Jacques Lecoq, obtendo os diplomas de "Licence" e de "Maîtrise" em Estudos Superiores de Teatro pela Universidade de Paris III. É, actualmente, actor, encenador e professor.

Em Coimbra, o actor espera que esta stand–up–comedy cause "uma reacção hilariante e fantástica". E acrescenta: "Sempre que tenho público jovem há muito intercâmbio e o espectáculo desmultiplica–se numa quantidade de pequenos improvisos que são muito divertidos. Na comédia, o riso é um alimento".

Questionado sobre a aventura de fazer um espectáculo a solo, Paulo Matos explica que "é um risco total mas, ao mesmo tempo, um prazer inexcedível".

Obra de Sófocles revisitada

Édipo em Coimbra

A última peça escrita por Sófocles é trazida a cena pelo Grupo Helios e dá início a mais um Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico na cidade dos estudantes

José Manuel Camacho
Luís Miguel Silva


D.R.

Sófocles chega a Coimbra na próxima quinta-feira pela mão do grupo espanhol Helios

No âmbito das comemorações do 25º centenário do nascimento de Sófocles, chega até Coimbra a peça "Édipo em Colono", com estreia marcada para quinta–feira, dia 10, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). Através do Grupo Helios, do Instituto de Educação Secundária Carlos III de Madrid, ficamos a conhecer a última peça composta por Sófocles, na qual o herói Édipo, depois de muito padecer, encontra em Colono, na Ática (Antiga Grécia), um lugar onde finalmente pode repousar até ao final dos seus dias.

Depois de descobrir que assassinou, sem saber, o seu pai Laio, e que manteve uma relação incestuosa com a sua mãe, Jocasta, Édipo cega–se e abandona Tebas. Proscrito, anda de terra em terra na companhia das filhas. Tempos mais tarde chega a Colono, uma pequena localidade em Atenas. Maltratado, cego e guiado pela sua filha Antígona, o herói procura um lugar que lhe permita viver em paz os últimos dias da sua vida. Contrariando a *opinião dos populares locais, o rei de* Atenas, o lendário Teseu, oferece–lhe hospitalidade e protecção.

Apesar de Édipo desejar que o deixem viver em paz, após uma existência dolorosa, aparecem personagens que se negam a dar–lhe o merecido descanso. Creonte surge com uma proposta fraudulenta de regresso de Édipo à sua terra e de reconciliação. Polinices, seu filho, aquele que consentira a sua expulsão de Tebas, pede–lhe apoio para enfrentar o irmão Etéocles, que se recusa a abandonar o trono. Estas duas ocorrências despertam no infeliz herói, somente, a indignação, o rancor e a cólera.

A paz, a que Édipo tanto ambiciona, *só chegará com a morte. Será ela a* pôr fim a tanta luta e a tanto sacrifício.

Segundo a organização, esta peça (integrada no âmbito da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003) "é um tratado a favor do direito do homem a viver em paz a sua velhice, superando vivências amargas do passado e olhando para a morte com serenidade. Desta forma, "Édipo em Colono" está assim "envolto num lirismo poético que faz de Édipo em Colono uma obra-prima da literatura universal".

Teatro Clássico mostra–se ao país

O Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico resulta da parceria entre a Liga dos Amigos de Conímbriga, o Grupo Thíasos e o Instituto de Estudos Clássicos. Segundo Nuno Gertrudes, membro da organização, a ideia tem como base o modelo espanhol, que já explora estes temas há algum tempo. A iniciativa portuguesa realiza–se há cinco anos e está dividida em duas partes. Em Abril e Maio, o festival tem uma componente mais virada para os grupos de teatro das escolas secundárias. Nos meses de Junho e Julho a componente escolar mantém–se, mas o certame é alargado ao público em geral. Os principais objectivos que norteiam o festival passam por mostrar o trabalho realizado pelas escolas do 3º ciclo e incentivá–las a desenvolver teatro de tema clássico. A animação de espaços históricos e a vertente pedagógica e didáctica são também outros dos pontos abordados por esta iniciativa.

Com estreia marcada para o TAGV, os espectáculos do Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico vão também ser apresentados no Colégio de S. Teotónio, no Museu Monográfico, em Conímbriga, em vários locais da cidade de Braga e no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz.

Exposição sobre Fernando Távora

Dos anos 40 à contemporaneidade

Projectos e desenhos de viagem do arquitecto que há mais de meio século dedica o seu tempo a pensar a arquitectura portuguesa, em exposição a partir de quinta-feira

Ana Oliveira

O Museu Antropológico da Universidade de Coimbra exibe, entre 10 de Abril e 14 de Maio, uma exposição dos projectos e desenhos do arquitecto Fernando Távora. A organização está entregue ao Centro de Estudos do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), a par com o Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e a Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC).

A sessão de abertura irá reunir em mesa redonda personalidades como Alexandre Alves Costa, José António Bandeirinha e Jorge Figueira, numa conferência encabeçada por Sérgio Fernandez.

A exposição divide–se em duas partes. A primeira remete para os projectos do arquitecto, enquanto que a segunda para os seus desenhos de viagem. "A exposição retrata a vasta obra de Fernando Távora desde o final dos anos 40 até à contemporaneidade", explica José António Bandeirinha. Prossegue, exaltando a magnificiência dos desenhos de viagem, considerando–os "obras de arte que despertam a capacidade metodológica dos arquitectos".

A arquitectura de Távora presenteou Coimbra, na década de 90, com espaços como a Praça 8 de Maio, o Auditório da faculdade de Direito e o Departamento de Engenharia Civil do Pólo II. Segundo José Bandeirinha, "Távora produz uma obra que vem ampliar a sociedade crítica moderna, conferindo uma postura muito salutar e proveitosa para a cultura arquitectónica portuguesa".

A exposição fecha com uma Conferência de Francesco Dal Co, intitulada "Távora guardato dall' Italia".

Contos da China Antiga

Para miúdos e graúdos

Sessão de leituras da obra "Contos da China Antiga" de José Jorge Letria e exposição de Cristina Valadas dão–nos a conhecer um pouco da cultura ancestral asiática

Arlete Cruz
Susana Pereira

Na sexta-feira vai decorrer no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) o espectáculo "Leituras Dramatizadas", baseado no texto de José Jorge Letria - "Contos da China Antiga", obra concebida para os leitores mais jovens. No entanto, e dada a base moral e religiosa que caracteriza a civilização chinesa, a viagem ao coração da China antiga, que esta peça representa, pode ainda ter muito a ensinar a miúdos e graúdos.

José Jorge Letria afirma que "os textos foram criados a partir de situações reais ou fictícias, por pessoas sem pressa, que sabem que o tempo sai sempre vencedor por ser o mais sábio e o mais sensato dos juízes, o verdadeiro e incansável guardião da memória colectiva".

Jornalista e escritor, José Jorge Letria nasceu em Cascais, em 1951. No seu vasto currículo constam mais de 50 títulos publicados e 20 colectâneas de poemas. Detentor de dois grandes prémios da Associação Portuguesa de Escritores, Letria foi também distinguido com um galardão internacional da UNESCO e um prémio Gulbenkian.

A acompanhar a sessão de leituras, encontram–se expostas no foyer do TAGV ilustrações de Cristina Valadas, que revelam uma linguagem própria, captando a riqueza das sociedades chinesas do passado.

Licenciada em pintura, pela Faculdade de Belas Artes do Porto, Cristina Valadas, foi galardoada com o prémio Gulbenkian de Ilustração em 2001 e o seu percurso foi ainda reconhecido com uma Menção Honrosa no Prémio Nacional de Ilustração.

Centro de Artes Visuais expõe colecção da Fundação Serralves

"Sem Limites"

Julião Sarmento, Dan Graham, Rui Toscano e Lothar Baumgarten são apenas alguns dos nomes que fazem parte da longa lista de autores cujas obras estão expostas até 27 de Abril no recém inaugurado Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia (CAV), no Pátio da Inquisição em Coimbra

JOÃO VASCO

Depois da exposição "Coimbra" e da instalação "Ophelia", de Noé Sendas, o CAV recebe agora parte do espólio do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves. O certame intitula–se "Sem limites, fotografia, vídeo e cinema na colecção da Fundação de Serralves" e aborda um período de mudança de rumo da arte, por volta do final da década de 60, início de 70.

É durante esta fase que surge um novo conceito de arte, ligado às propostas políticas e sociais da altura - a arte conceptual -, por oposição ao minimalismo. A fotografia e o uso do filme tornam–se, então, grandes veículos de expressão das relações entre vida e obra.

Em "Sem Limites", para além desta preocupação constante com a interacção cultural, encontramos ainda uma forte presença da auto–representação, mas numa perspectiva renovada. A exposição integra mais de 30 artistas, nacionais e estrangeiros, desde os mais antigos - Helena Almeida, Alberto Carneiro, Peter Hutchinson - aos mais jovens, mas não menos conhecidos, Rui Toscano e João Onofre.

Albano Silva Pereira, director do CAV, salienta a importância de se estabelecerem conexões com museus de arte contemporânea como Serralves, que afirma ser "no campo das artes visuais, a instituição que mais admira em Portugal". A exposição é, por isso, "um tributo que o CAV faz ao João Fernandes e ao seu trabalho na Fundação de Serralves". No entanto, a colaboração com este organismo não é nova. Albano relembra que "a primeira exposição de fotografia que foi feita na Casa de Serralves, da autoria de Manuel Bravo, foi produzida pelos Encontros de Fotografia".

A gerir um espaço com pouco mais de um mês e meio de existência, o director do CAV reconhece que "as dificuldades são algumas, nomeadamente pela complexidade de toda a logística e porque se tem de manter a porta aberta todos os dias". Neste novo desafio, Albano Silva Pereira tem o apoio da Câmara Municipal de Coimbra e do Ministério da Cultura, entidades com as quais conta para "superar os contratempos, através da discussão e do diálogo".

Fazendo um balanço global do curto período de existência do CAV, o seu director mostra–se muito agradado pela primeira exposição ter sido visitada por "imensas pessoas, de várias partes do país". E, promete, já a partir de 2 de Maio, uma mostra inédita das obras do artista mexicano Gabriel Orozco.



Espólio da Fundação Serralves é base de nova exposição no CAV

CCNC e CAV em conflito

Depois de ter estado inicialmente incluída na programação oficial da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, a bienal dos Encontros de Fotografia de Coimbra acabou por não se realizar no âmbito da capital da cultura. O desentendimento em relação ao montante das verbas que a CCNC poderia disponibilizar para o evento foi o principal motivo da discórdia.

Quando confrontado com esta situação, Albano Silva Pereira não revela dinheiros, mas é lacónico: "O professor Abílio Hernandez usou de falta de correcção, de respeito e de lealdade para comigo. Infelizmente, houve algo de obscuro nesta relação, que eu não quero e já passou. O meu trabalho começou no dia 14 de Fevereiro e é isso que me interessa. Não desafio ninguém. O desafio é comigo próprio, enquanto programador e gestor desta nova instituição. O professor Abílio Hernandez não me preocupa rigorosamente nada".

Quanto ao balanço que faz de cerca de dois meses e meio de Capital da Cultura, o director do CAV afirma que a capital da cultura "está a ficar muito aquém daquilo que se esperava de um projecto que fosse catalizador de grandes iniciativas nacionais e internacionais. O dinheiro é pouco mas, apesar de tudo, suficiente para afirmar a qualidade. E aquilo que se tem visto até agora são projectos desgarrados". "De uma capital da cultura esperava–se algo de bastante mais ambicioso", conclui.

João Fernandes em entrevista

"Coimbra não pode viver apenas do passado"

Durante a inauguração de "Sem Limites", João Fernandes, comissário da exposição e director do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, conversou com A CABRA acerca do projecto agora patente no Centro de Artes Visuais. Houve ainda tempo para tecer algumas considerações sobre a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC)

Como surgiu a ideia de expor aqui no Centro de Artes Visuais (CAV) este conjunto de obras da colecção da Fundação de Serralves?

A ideia surgiu do reconhecimento de um trabalho que o Albano Silva Pereira tem vindo a fazer ao longo de mais de vinte anos. Um trabalho que tem contado com algumas das obras maiores da fotografia, tanto portuguesas como estrangeiras. Quando o Albano nos convidou para apresentar uma parte da nossa colecção aqui, aproveitámos também para ajudar a construir um novo espaço onde os cidadãos de Coimbra e os portugueses pudessem conhecer melhor a arte do nosso tempo. Trouxemos um conjunto de obras que nos permitem compreender como os artistas exploram os limites da arte, criam novas formas, novas linguagens e suscitam uma nova relação com a vida através da arte. Nesta exposição encontramos um conjunto de artistas portugueses e estrangeiros que são figuras marcantes da história da arte nos últimos 50 anos.

Porquê retratar com especial ênfase este período entre finais da década de 60 e inícios de 70?

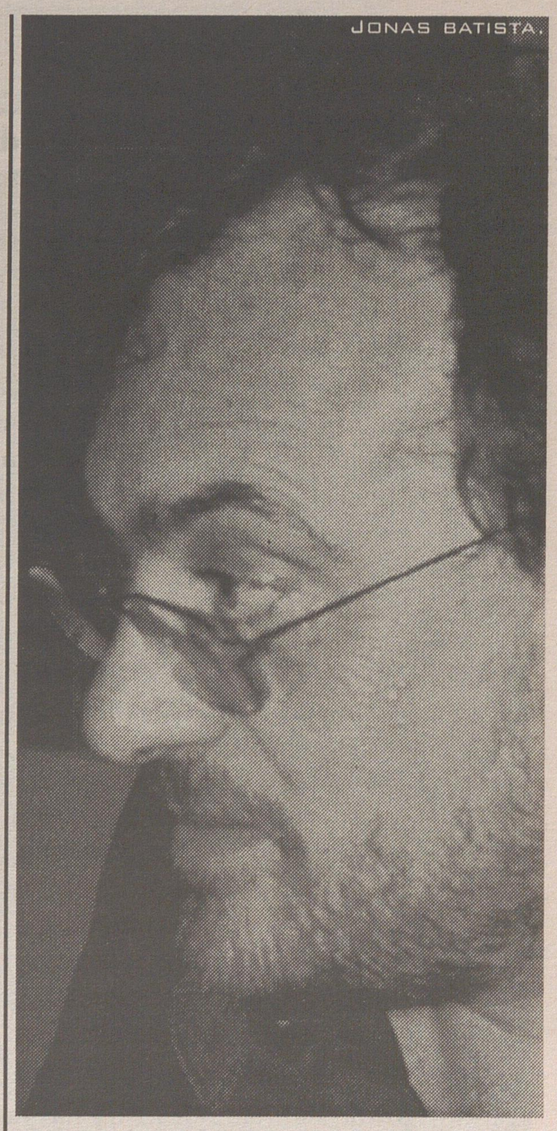
Na segunda metade do século XX houve um conjunto de linguagens que puseram em causa a própria história da arte, inventando novas formas da criatividade humana. Esta exposição é resultante de uma série de projectos que vão do período pós–minimal à arte conceptual. É a história da arte dos últimos trinta anos, nos termos em que a Fundação de Serralves a concebe. É igualmente um convite para que o público se confronte com a criatividade que hoje aposta em novos caminhos.

O que pensa sobre o facto desta iniciativa não estar integrada na CCNC?

Confesso que fiquei surpreendido quando soube que os eventos do CAV não faziam parte da programação da CCNC. Mas, ao mesmo tempo, congratulo–me por apresentar a exposição da colecção do Museu de Serralves no ano em que Coimbra é capital nacional da cultura. Penso que a capital da cultura não deve depender apenas dos títulos ou das organizações que a CCNC possa realizar, mas de tudo quanto acontece em Coimbra este ano. A cidade deve ser uma festa e espero que o Museu de Serralves possa contribuir para essa festa através da apresentação desta colecção.

Acha que Coimbra é um novo pólo de dinamização cultural no país?

Sinto que Coimbra, apesar de toda a sua história, precisa hoje de se reinventar e de se renovar. Acho que espaços como o CAV contribuem para a renovação da cidade, tal como penso que a CCNC pode contribuir para devolver a Coimbra aquilo que o país espera dela. É fundamental que a cidade hoje se reconcilie com o presente. Coimbra não pode viver apenas do passado. A cidade tem de saber olhar para o futuro. Espero que tudo o que aconteça em Coimbra, quer seja programação oficial ou não da CCNC, possa fazer da cidade uma verdadeira capital nacional da cultura.



João Fernandes

Artes Feitas

Ouve-se

Encontro de gerações

RUI CANIÇO

Até que ponto é que as recordações mais longínquas de alguém, sobretudo aquelas que envolvem música, podem infiltrar–se subliminar no acto de criação musical e, por conseguinte, trazer à memória do ouvinte alguns pontos de contacto com o primeiro? Numa primeira abordagem, o próprio título deste projecto nova–iorquino apela a esse confronto de futuro e passado (porventura geográfico e atemporal) de uma cidade que acolhe demasiadas culturas do globo.

O debutante e homónimo álbum dos 3 Generations Walking é um pequeno cristal no tempo e no espaço das vidas de um homem nascido em Belize e habituado à miscigenação cultural desde a sua mudança, ainda jovem, para a "big apple", Michael Kenneth Lopez, e do produtor Herman Pearl (também conhecidos, respectivamente, por MKL e Soy Sos). Tanto um como o outro se mostraram permeáveis às várias frentes musicais urbanas (como o hip–hop, disco, techno, dub, ou house) que fervilhavam um pouco por toda a cidade nas décadas de 80 e 90.

3 Generations Walking

. 3 Generations Walking

2003, Spiritual Life Music, Última



Tendo como linguagem primária algumas dessas cadências rítmicas (por vezes vincadamente maquinais) esta dupla consegue provar que é possível que o corpo sonoro tome uma forma orgânica de banda ao vivo (ainda que virtual) a partir de pianos, congas, violoncelos, baixo, guitarras, violinos, trompetes, teclados, flautas ou, inclusivamente, de instrumentos tradicionais africanos e asiáticos. Não será então por acaso que venham à memória do ouvinte algumas referências da Índia, da Jamaica ou das antigas colónias francesas em África acentuadas tanto pelas escolhas das vozes como pelos respectivos idiomas para cada peça.

Um registo com uma honesta relação entre as influências musicais assumidas e um paciente trabalho de produção em estúdio que resulta num natural arrojo nos cruzamentos entre jazz, house, dub, reggae, soul, spoken word ou música do mundo.

Western à italiana

HUGO FERREIRA

Alessandro Baricco, escritor italiano, escreveu um novo livro a que decidiu chamar "city"; trata–se de uma compilação de contos de toada western que geraram um sucesso (para uns inesperado, para outros mais que merecido) que levou o Festival Roma Europa de 2002 a promover um evento em que o escritor leu, perante um teatro cheio, excertos do seu livro. Baricco acabou por morrer em Novembro do ano passado e em Dezembro a dupla francesa Air regressa ao estúdio para ouvir as gravações dessa noite memorável e gravar um fundo musical.

A língua italiana é, já de si, extremamente musical mas aqui adquire uma dimensão quase mágica, é como se Baricco nos contasse as histórias ao ouvido e, de olhos fechados, parece que visualizamos todas as expressões e movimentos.

Air & Baricco

City Reading

2002, Record Makers / Source



A música é secundária, não há um pretensiosismo de chegar a um Morricone, aqui os Air são decorativos, mas densificam a leitura de uma forma impressionante.

É um daqueles discos para se ouvir em momentos mais intímos, relata três histórias para ouvir vezes sem conta, das quais se destaca, pela sua intensidade "La Puttana Di Closingtown".

Parte do texto e notas do autor podem ser lidas em http://www.abcity.it/por/home.htm e o disco "City Reading" já por aí corre nos escaparates.

Mesmo quem não goste da língua italiana corre o risco de se apaixonar pelo disco e, na verdade, nunca nenhum livro soou tão bem...

Em_Linha

Notícias do futuro

NUNO CURADO NCURADO@IPN.PT

Os dispositivos tecnológicos estão cada vez mais disponíveis para toda a gente. E com isso surgiu um mercado para as notícias sobre o futuro desses dispositivos. Há na internet vários sítios onde se pode saber como vai ser a próxima linha de telemóveis da Nokia, o próximo leitor de MP3 com uma capacidade de estonteante e um tamanho minúsculo. Os dois sítios que refiro nestas linhas têm linhas editoriais diferentes. O Envynews divulga tudo o que envolva novas tecnologias. A tecnologia SATA para discos dos computadores, os últimos telemóveis de uma empresa, as campanhas publicitárias de outra, tudo encaixa no Envynews. O i4u é mais restrito em relação aos dispositivos que divulga. Aqui apenas encaixam os telemóveis, robots, relógios entre outras coisas não relacionadas com computadores. Não há notícias sobre a placa gráfica ou disco duro de nova geração. São dois sítios para pessoas interessadas em estar sempre na linha da frente em relação a dispositivos tecnológicos.

http://www.envynews.com
http://www.i4u.com

Jogos à antiga

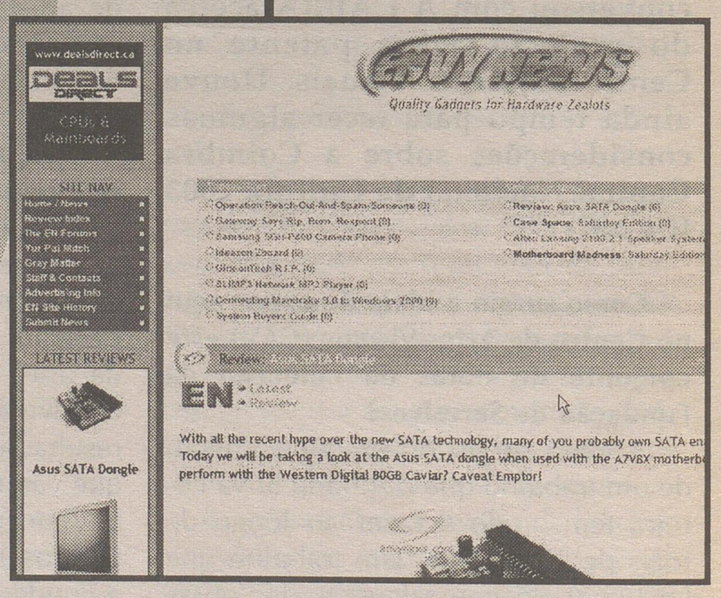
Da mesma maneira que há pessoas interessadas em estar sempre em cima do acontecimento, também há aquelas com sentimentos de nostalgia. O nome deste sítio não engana. O Flashback Abandonware faz parte de um grupo de sítios dedicados ao software antigo. Neste grupo de sítios é possível encontrar utilitários e jogos para vários sistemas operativos. O Flashback é apenas dedicado a jogos para PCs mais antigos. Tendo em conta a velocidade dos PCs antigos e as incompatibilidades dos sistemas operativos mais modernos com o software antigo, há neste sítio um utilitário para desacelerar a velocidade do PC e outro para simular o ambiente do DOS. Embora o arquivo não seja extenso é possível encontrar software feito desde 1983. Títulos como o Championship Manager (sim, o primeiro), Defender of The Crown, Epic estão aqui disponíveis.

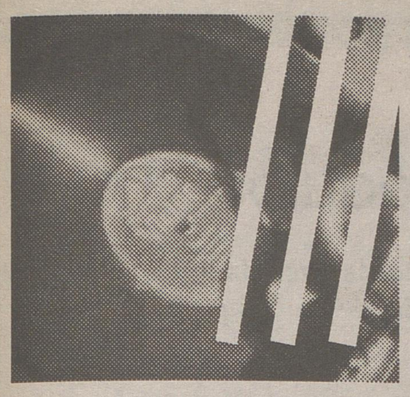
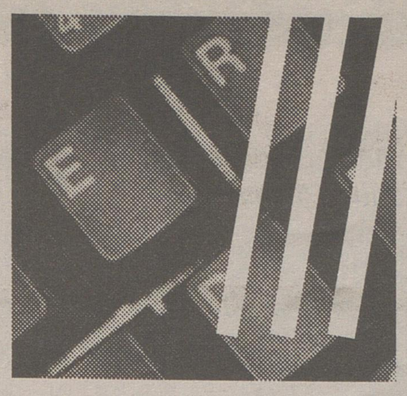
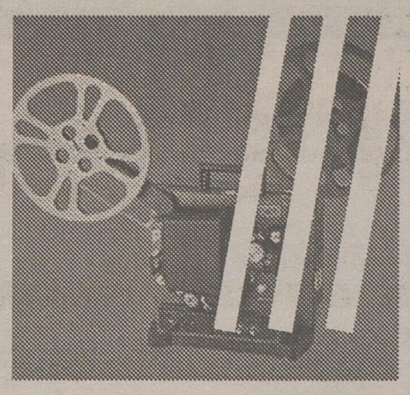
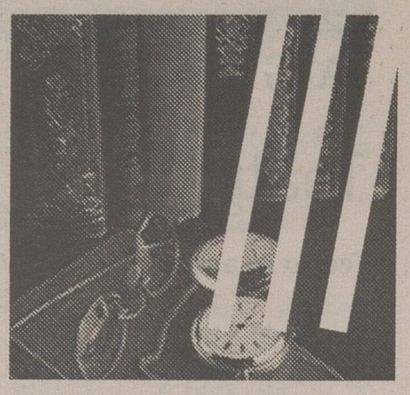
http://www.flashback–aw.net
http://abandonweb.tuol.org

Boing?

O Boing Boing é, segundo a sua definição, "um directório de coisas maravilhosas". Podia–se considerar apenas como mais uma alternativa a tantos outros weblogs que há espalhados pela Internet, não fosse o dono o Mark Frauenfelder. Mark foi editor da Wired durante cinco anos e foi um dos fundadores da Wired Online. Já escreveu artigos para o New York Times, Business 2.0 e The Industry Standard. Este weblog não é apenas de uma pessoa, mas é feito por uma equipa de quatro. Aqui pode ler-se notícias e artigos sobre a cultura americana, copyright, ciência, banda desenhada, robótica, design, entre outras coisas. É uma mescla dos interesses do grupo que gere o sítio. Têm uma actualização bastante regular e os conteúdos são interessantes.

http://boingboing.net



Vê-se

"O Pianista", de Roman Polanski

GUSTAVO SAMPAIO

Por contingências do mercado, o mais recente e multi–premiado filme de Roman Polanski regressa às salas de cinema de Coimbra. "O Pianista" recolheu uma aclamação singular tanto na Europa com o Festival de Cannes, onde recebeu a Palma de Ouro de melhor filme, como nos EUA com o certame dos Óscares, galardoado com os prémios de melhor realizador e melhor actor para Polanski e Adrien Brody respectivamente.

Trata–se de um projecto pessoal de Polanski que aborda o terror do Holocausto que ele próprio viveu enquanto jovem judeu e polaco, habitante da cidade de Varsóvia tal como a personagem principal do filme, Wladyslaw Szpilman. O filme conta a história real de um pianista, o próprio Szpilman (magistralmente interpretado por Adrien Brody; lembram–se dele no "Summer of Sam" de Spike Lee?), que escapa a uma morte certa nos campos de concentração para onde os alemães enviaram milhões de judeus, incluindo toda a sua família. A primeira parte da narrativa relata a evolução do processo de repressão das forças militares nazis aos judeus polacos em Varsóvia, após a invasão da Polónia pela Alemanha. Todos os judeus foram então obrigados a viver numa zona restrita da cidade, um verdadeiro "gueto" emparedado, com todos os seus bens e riquezas confiscados. Viveram tempos de absoluta miséria, sujeitos à fome e às doenças, amontoados naquele espaço exíguo de onde ninguém podia sair. Mais tarde, são deportados para campos de concentração. Contudo, no momento do embarque nos vagões atolados de um dos comboios que os levava embora, Szpilman acaba por escapar com a ajuda de um velho conhecido que colaborava com os nazis. Szpilman escapa e esconde–se, mas a sua família é levada para os campos da morte. A partir deste momento, o filme desenvolve–se de uma forma mais introspectiva, transportando o espectador para o interior da personagem de Szpilman. Assistimos então a uma verdadeira odisseia pela sua própria sobrevivência, fugindo da fome, da doença, da loucura. Szpilman passa algum tempo a trabalhar para os nazis na reconstrução da zona do "gueto", mas na fase final da guerra é obrigado a esconder–se sucessivamente em sótãos de prédios com a ajuda de amigos. A sua música, no entanto, nunca o abandona. A música apresentada como a força da humanidade e fonte de resistência, numa procura constante pela vida, pela sobrevivência. E mesmo sem poder tocar piano, Szpilman imagina as melodias com a mente enquanto dedilha ao de leve no ar, como se estivesse de facto a bater nas teclas de um piano de cauda preto, tentando manter a sua própria sensibilidade humana, lutando contra a loucura que começava a assolar a consciência, fruto de uma solidão devastadoramente prolongada.

"O Pianista" é uma obra extensa, intensa, negra, profunda, pesada, perturbadora, de uma honestidade sem precedentes, abordando um tema mais do que explorado no mundo do cinema de uma forma muito própria e original, que valeu enfim a Polanski (autor, por exemplo, de um grande thriller como "Frenético", dos anos 80) uma consagração internacional muito merecida.



Lê-se

"Cartas a Sandra"
Vergílio Ferreira
Bertrand Editora

ANDREIA FERREIRA

O autor aconselhado desta quinzena dispensa apresentações, seja no contexto literário, seja no universo da filosofia. "Cartas a Sandra" é, como se adivinha a partir do título, um conjunto de correspondência, compilada e editada pela filha do autor, após a morte deste, endereçadas à sua mulher ausente.

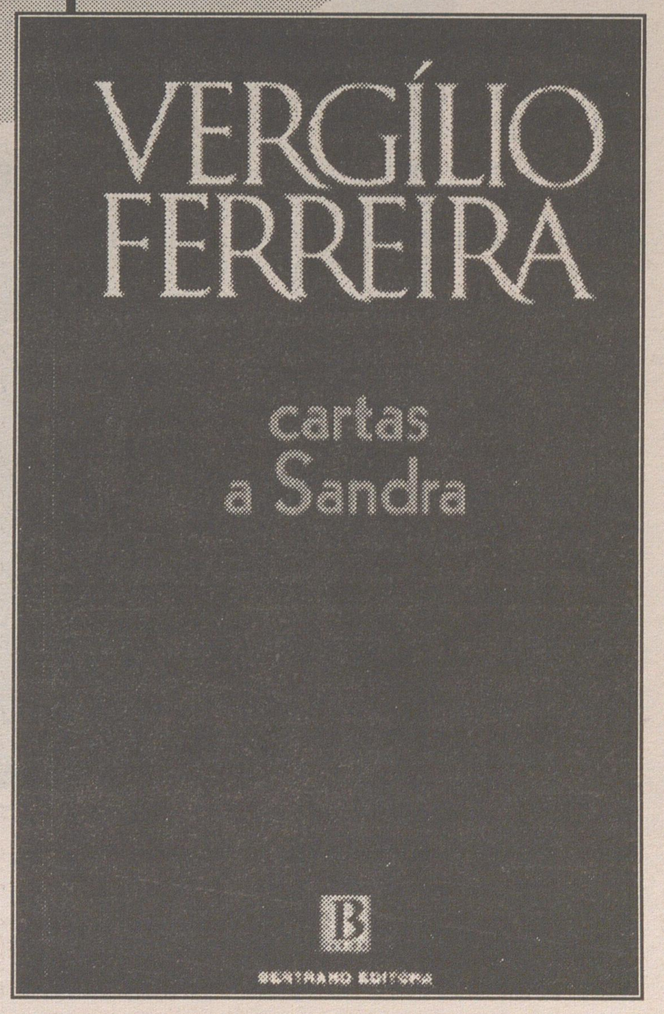
Sendo o amor e a morte os pólos entre os quais o ser humano se move, é interessante averiguar esta quase interdependência entre ambos, seja nos grandes romances, seja na vida. Haverá amor sem a consciência e o medo da morte? E da perda? Santo Agostinho defendia que o verdadeiro amor seria o que é dirigido a Deus, porque é o único amor que não se contamina com a possessão, nascida do medo de perder aquilo que, de um modo ou de outro, nos faz felizes. Poderá existir amor quando o medo em nós é maior? O medo da perda do amor do outro não é já, e somente, uma redução do outro a um prazer meu? Amar–se-á alguém na sua alteridade pura e absoluta?

Paulo escreve a Sandra, numa beleza inenarrável, relatando–lhe os ritos quotidianos, as novidades, imortalizando-a na sua memória, numa presença nem sempre bem–vinda, que o desgasta e o inquieta, que o faz chorar ora de raiva (porque ela o chama, lhe exige a presença, para depois se calar), ora de amor, recordando os gestos, os sorrisos e o ar triste e distante. A permanência de Sandra na sala, no olhar que o perscrute, na leveza ôntica que lhe contamina a existência, que não o deixa descansar ou que se lhe entrega em memórias deleitosas, empresta–lhe a necessidade de dizer as palavras sempre adiadas - que nunca dizemos - num cansaço esperançoso da fúria de Cronos.

Paulo procura as palavras certas para falar a Sandra, num desespero de, mais uma vez, não lhe saber dizer o que sempre protelou para um futuro que se lhe esfumou, na tentativa inglória de fazer caber em palavras a beleza, a ternura e o amor que o transcendem, habitando em memórias íntimas que, nem à força de se deixar ler, são violadas. Amor e morte, o infinito numa existência finita, a morte e a remição ao que transita de nós.

Saberemos nós dizer do amor e da morte? Restar–nos-á apenas esta sobrevivência humana de calar, como nos dizia Wittgenstein, do que não podemos falar? Será o silêncio o nosso reduto, a nossa habitação no mundo? É a nossa crença na eternidade do amor, o nosso "não" ao efémero? Resgatar–nos-á o amor?

"Assim me parece perdido todo o tempo em que não penso em ti, em que sobretudo me não apareces no teu fulgor encantamento. E sinto um estranho remorso aí, uma perda, um tempo inútil em que não estás comigo. Vem. Vem e demora–te para dares algum sentido à vida que se me esgotou. Fica. E traz contigo o teu deslumbramento que me dobra de humildade, como gostaria de dizer–te. Dizer–te o que me és e não sei. Como é pobre a possibilidade de te dizer quanto te amo, deves talvez saber."



AGENDA

Teatro

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 8 de Abril
O Caminho Solitário, de Arthur Schnitzler
Teatro Nacional D. Maria II

Dia 10 de Abril
Édipo em Colono, de Sófocles
Grupo Helios do I.E.S. Carlos III, de Madrid

Dia 11 de Abril
Leituras Dramatizadas
Contos da Chinà Antiga - texto de José Jorge Letria

Dia 13 de Abril
Trifásico
Paulo Matos

Dia 15 de Abril
Fernando Rocha
Stand–Up Comedy

Cine–Teatro S. Teotónio

Até 11 de Abril
O Elefante - Um dia no Zoo
Teatrão - Teatro para a Infância de Coimbra

Teatro Estúdio do CITAC

Até 9 de Abril
Macbeth, de William Shakespeare
CITAC

Oficina Municipal do Teatro

Dia 9 de Abril
Auto da Índia
Escola da Noite - Ensaios Vicentinos

Dia 12 de Abril
O Juiz da Beira
Escola da Noite - Ensaios Vicentinos

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Dia 9 de Abril
Duplos Sentidos - a guerra (recital de poesia)
Cooperativa Bonifrates

Música

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 9 de Abril
Wordsong
Homenagem a Al Berto

Dia 14 de Abril
Artemfax
Quarteto de Saxofones de Palmela

Sé Nova

Dia 10 de Abril
Concerto de Páscoa
Choral Aeminium, Orquestra do Norte e Grupo Vocal da Fundção Cupertino de Miranda

Centro Norton de Matos

Dias 11 e 12 de Abril
Telectu e Eddie Prevost
Festival Jazz ao Centro

Exposições

Museu Antropológico da Universidade de Coimbra

De 10 de Abril a 14 de Maio
Exposição de projectos e desenhos de Fernando Távora

Galeria do Refeitório do Mosteiro de Santa Cruz - Sala da Cidade

Até 31 de Maio
A Escultura de Coimbra: Do Gótico ao Maneirismo

Galeria do Átrio

Até 14 de Abril
Exposição sobre Vergílio Ferreira

De 18 de Abril a 5 de Maio
Exposição sobre Afonso Lopes Vieira

Edifício Chiado

Até 27 de Abril
Pintura Portuguesa Contemporânea nas Colecções Particulares de Coimbra

Teatro Académico de Gil Vicente

De 10 de Abril a 3 Maio
Cristina Valadas
Ilustração para Contos da China Antiga

António Modesto
Ilustração para fábulas de La Fontaine e Histórias Tradicionais Portuguesas

Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia

Até 27 de Abril
"Sem Limite, Fotografia, Cinema e Vídeo na colecção da Fundação Serralves"

Instituto Português da Juventude

Até 15 de Abril
Exposição de Fotografia da Arca

Colóquios

Auditório da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Dia 8 de Abril
Debate de apoio ao Concurso Público de Ideias para a Reabilitação da Rua da Sofia

Cinema

Girassolum Coimbra

Demolidor - O Homem Sem Medo
De: Mark Steven Johnson
Sala 1: 14h30, 16h45, 19h00, 21h30

Pinóquio
De: Roberto Benigni
Sala 2: 14h45, 17h00, 19h15, 21h45

Cinemas Millenium - Avenida

Demolidor - O Homem Sem Medo
De: Mark Steven Johnson
Cine Teatro: 14h30, 17h00, 19h30, 22h00, 00h30

Longe do Paraíso
De: Todd Haynes
Estúdio 1: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45, 00h00

O Pianista
De: Roman Polansky
Estúdio 2
Sexta a Seg: 14h00,18h00, 21h30, 00h15
Terça e Quinta: 14h00, 21h30, 00h15
Quarta: 14h00, 21h30

Sessão Especial: A Gaiola
De: Alain Raoust
Terça: 19h00
Quarta: 19h00, 00h15
Quinta: 19h00

Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

Dia 8 - Terça–feira
Vilaça - SP
Cruz e Costa - SP
Isabel Folhas - SR
Dia 9 - Quarta–feira
Adriana - SP
Silcar - SP
Barros - SR
Dia 10 - Quinta–feira
Luciano e Matos - SP
Machado - SP
M.ª Céu Albuquerque - SR
Dia 11 - Sexta–feira
Santa Isabel - SP
Miranda - SP
Rocha - SR
Dia 12 - Sábado
Gaspar - SP
Central - SP
Sitália - SR
Dia 13 - Domingo
Rainha Santa - SP
Silva Soares - SP
Donato - SR
Dia 14 - Segunda–feira
Figueiredo - SP
Celas - SP
Lopes Rodrigues - SR
Dia 15 - Terça–feira
Duarte - SP
Rodrigues Silva - SP
S. José - SR
Dia 16 - Quarta–feira
M. Nazaré - SP
Universal - SP
Estádio - SR
Dia 17 - Quinta–feira
Cruz Viegas - SP
Paiva - SP
Batista - SR
Dia 18 - Sexta–feira
Oliveira Ramos - SP
S. Sebastião - SP
Nazareth - SR
Dia 19 - Sábado
Olivais - SP
S. Martinho - SP
Sta. Cruz - SR
Dia 20 - Domingo
Isabel Folhas - SP
Cruz e Costa - SP
Vilaça - SR
Dia 21 - Segunda–feira
Adriana - SP
Barros - SP
Silcar - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

Contactos importantes

Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública - 239 822 022
Polícia Judiciária - 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 410
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 808 200 204
Teatro Académico de Gil Vicente - 239 855 630

PUB



*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis

*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

8 euros nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

Música pacifista

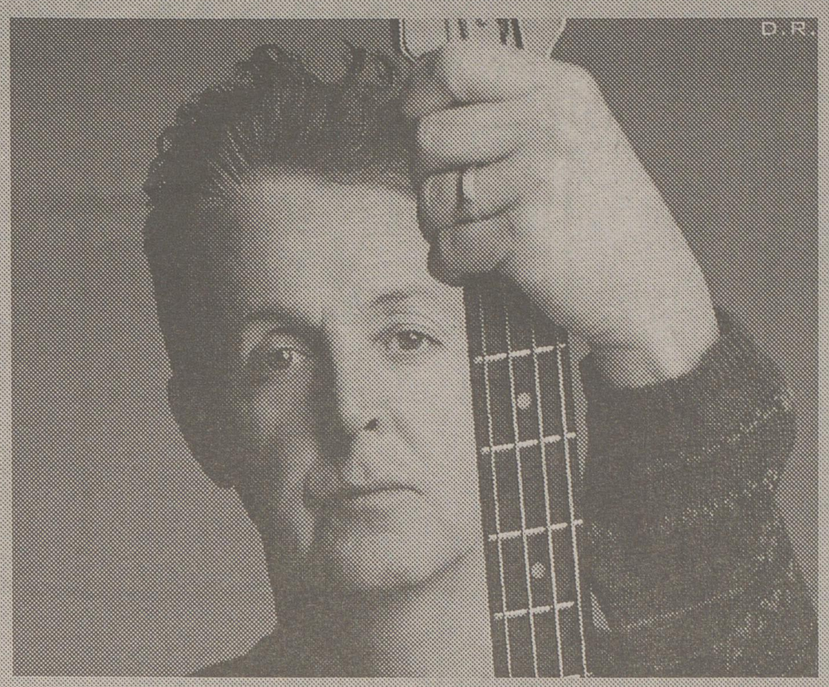
Foi anunciado na passada semana, em Londres, o lançamento da colectânea "Hope".

Este álbum de solidariedade contra a guerra conta com estrelas como Paul MacCartney, David Bowie, George Michael, Travis, Cat Stevens e Moby.

A edição desta compilação está prevista para o próximo dia 21, e foi gravada em apenas 25 dias um pouco por todo o mundo.

Esta é uma iniciativa da organização de solidariedade "War Child" que tem direccionado os seus esforços na ajuda às crianças vítimas das guerras, seja na Bósnia, seja no Afeganistão ou noutros locais. Desta vez, as crianças em vista são as iraquianas.

Paul MacCartney declarou–se "encantado" por participar nesta iniciativa. O ex–Beatle tem sido alvo de comentários desagradáveis dos fãs na sua tourné pela Europa, pois tem tido uma posição dúbia em relação ao ataque militar dos EUA ao Iraque.


D.R.

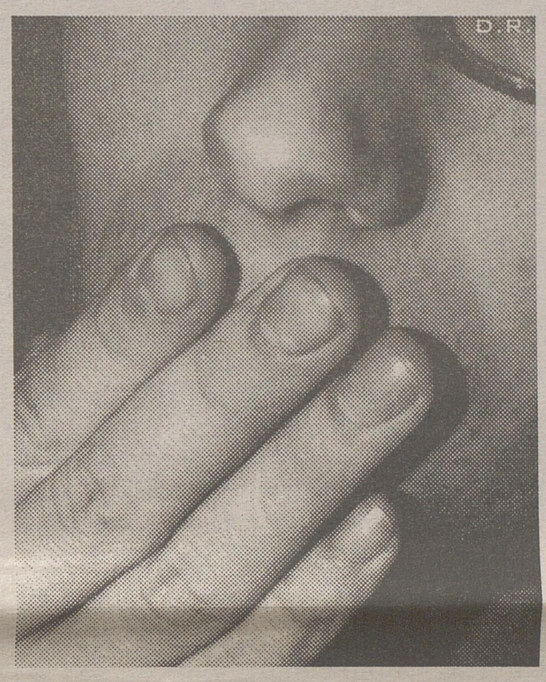
O mundo dos soluços

Provavelmente todas as pessoas já tiveram soluços. Esses pequenos espasmos que deixam, qualquer um, algo embaraçado. A CABRA foi tentar saber mais sobre esta anomalia.

Cientificamente os soluços são uma contração involuntária do diafragma, o principal músculo responsável pela respiração. A causa mais comum são os distúrbios algures entre o estomâgo e os intestinos. Estes distúrbios podem ser provocados pela ingestão de uma grande quantidade de alimentos ou substâncias que irritem o aparelho digestivo, onde existem receptores que informam o sistema nervoso sobre a qualidade do que foi ingerido. O sistema nervoso manda um reflexo para o diafragma, provocando uma inspiração abrupta que termina com o fecho repentino da glote, região que liga a faringe à laringe.

Entre outras causas desta inspiração rápida e curta, não sincronizada com o ciclo respiratório, destacam–se causas neurológicas, metabólicas e cirúrgicas (num estado pós-anestésico).

Existem algumas formas de solucionar este desconforto com duração de poucos minutos, tais como a tracção da língua, a elevação do sininho da garganta com uma colher, a ingestão de uma colher de açúcar, suster a respiração por momentos, dobrar as pernas sobre o abdómen, inspiração rápida (como quando ocorre um susto).


D.R.

Poetas portugueses contra a guerra

Uma antologia de poemas inéditos, intitulada "Choque e Pavor - 25 poemas contra a guerra", é lançada no final deste mês. Prefaciada pelo ensaísta Eduardo Lourenço, inclui poemas de António Ramos Rosa, Manuel Alegre e Maria Teresa Horta, entre muitos outros. A receita reverte a favor da Cruz Vermelha Portuguesa. A editora Ausência planeia realizar em Coimbra, após a apresentação pública em Lisboa, um recital de poesia com a participação dos autores.

King Kong volta a atacar

Peter Jackson, realizador da trilogia "O Senhor dos Anéis", vai começar a filmar uma nova versão do filme "King Kong", em Wellington, capital da Nova Zelândia.

Está previsto que "King Kong" percorra as ruas dos cinemas de todo o mundo em 2005, visto que as filmagens irão ter inicio em meados de 2004.

Este filme vai ser a segunda versão que os estúdios de Hollywood vão produzir de "King Kong". Existem pelo menos duas outras versões indianas, baseadas num romance de Merian C. Cooper e Edgar Wallace, que conta a história de um romance entre um gorila e uma mulher.

Comunicado

Coimbra: Uma cidade... Duas Culturas!

A Academia de Coimbra é inegavelmente a entidade que mais produz Cultura na cidade. Nesta que é a maior e mais antiga Associação Académica estão representadas as mais variadas formas de produção cultural, desde o teatro até à música, com maior relevância para o "Fado de Coimbra", que leva o nome da cidade e do país além–fronteiras. A Associação Académica de Coimbra foca também campos como literatura, jornalismo, rádio, cinema, yoga, gastronomia, astronomia, informática, filatelia, ecologia, direitos humanos e apoio ao estudante através de uma linha telefónica de aconselhamento.

Desde há muito que nos corredores da AAC se comenta e se sente a falta de reconhecimento por parte da cidade, relativamente ao contributo e à vida que os estudantes incutem à mesma. Este sentimento agravou–se ainda mais com os vários episódios já conhecidos entre a Academia e Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003.

Na Assembleia Magna de dia 13 de Março a Academia decidiu manifestar–se publicamente e de forma satírica contra o tratamento que tem vindo a obter por parte de Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 e também contra um dos maiores problemas com que se depara a produção cultural da AAC: falta de espaço. Neste sentido, de dia 7 a 10 de Abril decorrem à entrada do Teatro (que deveria ser mais) Académico de Gil Vicente uma série de iniciativas promovidas por grupos da casa com o intuito de demonstrar a falta de reconhecimento que a Academia sente por parte destas duas entidades. Compreendemos e sabemos melhor do que ninguém que Coimbra carece urgentemente de mais espaços destinados à produção de Cultura e encontramos nesta iniciativa uma forma de demostrar a premência deste problema, que não nos afecta só a nós, mas também a todos os outros agentes culturais da cidade. A Academia não se cala... por uma cultura cada vez melhor!

A Direcção–Geral da AAC

PUB



COIMBRA 2003
Uma cidade duas culturas

A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

segundos e segundos

Primeiro, é preciso dizer que, numa tarde de fim–de–semana, quando vinha a subir pela rua ao lado da Sereia, olhei para as pessoas, para as árvores e para os carros e pensei se a realidade desenhada à minha volta não seria como um lençol bidimensional de luz no qual eu poderia penetrar esticando o braço. Essa é a primeira coisa.

Segundo, faz–me imensa impressão ficar sozinho, porque me sinto a cair num poço de multidão ou de uma corda bamba de fio pobre.

Terceiro, há tempos houve um fecho de edição deste jornal que correu bastante mal. Um dos dois computadores em que se faz a paginação avariou–se completamente e o outro permaneceu útil no mundo de um modo muito precário. É curioso recordar que havia 13 pessoas na sala, um dos computadores encravou no décimo terceiro segundo de uma contagem decrescente, uma das pessoas presentes vestia uma camisa com o número 13 nela estampado e que essa seria a décima terceira publicação da Secção de Jornalismo na temporada.

Quarto, comprei uma máquina fotográfica digital e, no outro dia, retratei uma amiga sentada sob a luz amarela e floreada de um candeeiro de sala. Quando ela viu a sua imagem no pequeno visor colorido da coisa, disse que parecia uma avozinha. Mais tarde, perguntou se os elefantes comiam paus, riu–se e toda a gente se riu com ela.

Quinto, uma vez alguém me disse que um dos textos desta coluna de que mais tinha gostado tinha sido um que falava de uma sala de estudo muito concorrida na altura e que essa pessoa também frequentava. Tinha gostado dele porque lhe parecia algo com que todos se podiam identificar. Eu depois pensei, não é bem assim, há quem more aqui ao lado e nunca chegue sequer a entrar neste sítio, e quem diz esta diz outra sala de estudo qualquer, e, em resumo, foi nessa ocasião que percebi que nunca conseguirei contentar toda a gente e que mais vale viver em paz própria do que em inferno alheio.

Sexto, os iraquianos libertaram uma prisioneira de guerra americana. Não me recordo do nome dela, só da idade. Tinha 19 anos, ou seja, era três anos mais nova do que eu. E quando começamos a ser mais velhos do que os prisioneiros de guerra, do que os meninos–prodígio e do que os jogadores de futebol que eliminam a nossa Selecção em Mundiais no Oriente, apercebemo–nos de que algo está a mudar. Ou melhor, de que algo já mudou e não demos por nada.

Sétimo, de todos os desenhos animados que vi, não me lembro de alguma vez ter visto o Peter Pan. Esta é a última coisa.



Concertos Queima 2003

Bunny Ranch, Squeeze Theeze Pleeze e Alla Pollaca são algumas das bandas nacionais a figurarem no cartaz da Quiema das Fitas 2003

MÁRIO GUERREIRO

As noites do Queimódromo, a terem lugar de dois a oito de Maio já contam com a confirmação de alguns dos seus intervenientes, pelo menos os nacionais.

Os Squeeze Theeze Pleeze, de Cantanhede, são uma das bandas nacionais asseguradas para mais uma Queima das Fitas, de acordo com fontes do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA. Não sendo novatos nos palcos das festas académicas de Coimbra e a contar na bagagem com o seu primeiro longa–duração ("Open"), editado há poucos meses. O tema "Ode to a Child (bea)" mereceu prolongada rodagem nas rádios nacionais e é sempre dos pontos mais altos do colectivo, em que o formato tradicional do pop–rock se alia ao groove dançável do funk.

Certos na agenda das Noites do Parque 2003 estão também os locais Bunny Ranch. Com Kaló (ex–Tédio Boys e Wray Gunn), em pé, entregue às vocalizações e à bateria, Filipe Costa, André Ferrão (ex–Pinks) e Pedro Calhau (ex–MC Dolls), os concertos da banda são habitualmente, no mínimo, explosivos. Sem recorrerem a outras ferramentas que não a sua sincera vontade de tocar e também a paixão pelo rock'n'roll, blues, ou a soul, a banda que retirou o seu nome do mais famoso bordel da terra do Tio Sam (onde estrelas porno e beldades lânguidas vendem prestações sexuais) não costuma deixar os seus créditos por mãos alheias, e proporciona geralmente concertos para dançar e recordar. Com o lançamento, há poucos meses do EP "Too Flop too Boogie", a banda de Coimbra atravessa um bom momento de exposição, fruto da reputação que as suas actuações já grangeam.

A Queima das Fitas deste ano vai contar ainda com os vencedores do Termómetro Unplugged 2003, os Alla Pollaca. A banda de Matosinhos tem para oferecer a candura típica da pop, nomeadamente o seu lado mais intimista e sofredor. No palco do Queimódromo devem passar algumas das versões (de Jacques Brel a John Lennon) que os ajudaram a reclamar a honra de melhor banda do Termómetro Unplugged deste ano.

Os Jaguar, originários de Castelo Branco são já quase uma referência do panorama pop português. O álbum "Pop Yen", editado há poucos meses apresenta um trabalho sério em torno da pop mais independente, com alguns laivos de electrónica.

Os também portugueses Loto vão passar pelo palco da Queima das Fitas 2003. O seu Ep "Swinging on a Star", lançado em edição de autor evidencia uma maturidade sonora invejável para este trio de Alcobaça, com uma média de idades a rondar os vinte e poucos anos. A pop em formato electrónica vai desfilar na margem esquerda do Mondego.

Também no universo da pop, a Queima das Fitas 2003 vai contar com a actuação dos Zoe, vindos de Penafiel. Responsáveis pelo álbum "Synth–o–Matic", os Zoe mantém–se fieis a um experimentalismo pop, e pelo Queimódromo deve desfilar com certeza o muito rodado tema "Underground".

Entre o lounge e a pop, Paulo Gouveia e os seus Gomo são um dos nomes mais agraciados da colectânea Optimus 2001. Considerados uma das promessas da música nacional, os Gomo são também um dos nomes portugueses já confirmados para as Noites do Parque 2003.

"X Canto da Sereia"

Tunas no feminino

Coimbra assistiu a mais um encontro de tunas femininas, cujas vozes animaram a noite no Jardim da Sereia

SOFIA CARVALHO

Realizou–se no passado dia 3 de Abril o "X Canto da Sereia - Encontro Nacional de Tunas Femininas no Jardim da Sereia", co–organizado pelas Mondeguinas e pel'As Fans.

A Santantuna de Lisboa, a Tuna Feminina do Instituto Superior de Engenharia do Porto, a Barítuna da Faculdade de Direito de Lisboa e a Universidade Lusíada do Porto foram as tunas que marcaram presença no encontro deste ano.

Segundo Ana Olívia, presidente das Mondeguinas, o grande objectivo desta iniciativa consiste em "dar a conhecer a Coimbra as tunas femininas existentes no país e o seu trabalho".

O "X Canto da Sereia" teve início por voltas das 13h00 com a recepção das tunas pelos seus guias - os elementos da Imperial Tertulia In Vino Veritas e da Fan Farra Académica de Coimbra. A tarde foi reservada ao convívio entre anfitriões e tunas convidadas no Jardim da Sereia. À noite, o espectáculo foi composto por duas partes, ficando a abertura e o encerramento a cargo das tunas organizadoras. Os padrinhos d'As Fans e das Mondeguinas foram também convidados para animar o intervalo das actuações femininas.

Na opinião de um dos membros da Barítuna, "os encontros são extremamente necessários para fomentar o convívio, uma vez que nos festivais há competitividade e perde–se algum do espírito académico". Acrescenta ainda que "há um ambiente mais descontraído nos encontros".

COIMBRA 2003 ENEBIOQ
www.uc.pt/nebioq/enebioq
Bioquímica nos três tempos: Passado, Presente e Futuro
I Encontro Nacional de Estudantes
Bioquímicos
25 a 27 de Abril de 2003
Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra